

ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS DE OEIRAS

Volume 21 • 2014



Editor Científico: João Luís Cardoso

CÂMARA MUNICIPAL DE OEIRAS
2014

Estudos Arqueológicos de Oeiras é uma revista de periodicidade anual, publicada em continuidade desde 1991, que privilegia, exceptuando números temáticos de abrangência nacional e internacional, a publicação de estudos de arqueologia da Estremadura em geral e do concelho de Oeiras em particular.

Possui um Conselho Assessor do Editor Científico, assim constituído:

- Dr. Luís Raposo (Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa)
- Professor Doutor João Zilhão (Universidade de Barcelona e ICREA)
- Doutor Laure Salanova (CNRS, Paris)
- Professor Doutor Martín Almagro Gorbea (Universidade Complutense de Madrid)
- Professor Doutor Rui Morais (Universidade do Minho)

ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS DE OEIRAS

Volume 21 • 2014 ISSN: 0872-6086

EDITOR CIENTÍFICO - João Luís Cardoso
DESENHO E FOTOGRAFIA - Autores ou fontes assinaladas
PRODUÇÃO - Gabinete de Comunicação / CMO
CORRESPONDÊNCIA - Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras
Fábrica da Pólvora de Barcarena
Estrada das Fontainhas
2745-615 BARCARENA

Os artigos publicados são da exclusiva responsabilidade dos Autores.

Aceita-se permuta
On prie l'échange
Exchange wanted
Tauschverkehr erwünscht

ORIENTAÇÃO GRÁFICA E

REVISÃO DE PROVAS - João Luís Cardoso e Autores

PAGINAÇÃO - M. Fernandes

IMPRESSÃO E ACABAMENTO - Gráficas Amares, Lda. - Amares - Tel. 253 992 735

DEPÓSITO LEGAL: 97312/96

**CARLOS RIBEIRO (1813-1882) E AS ANTAS DE BELAS: UM CONTRIBUTO
PARA A HISTÓRIA DA CIÊNCIA EM PORTUGAL NO SÉCULO XIX**

***CARLOS RIBEIRO (1813-1882) AND THE DOLMENS OF BELAS:
A CONTRIBUTION FOR THE HISTORY OF SCIENCE IN PORTUGAL
DURING THE NINETEENTH CENTURY***

Rui Boaventura¹ & João Luís Cardoso²

Abstract

An evaluation of Carlos Ribeiro's (1813-1882) work regarding the excavation of four dolmens in the outskirts of Belas (Sintra, Portugal) is presented here. These excavations were initiated in 1875 and extended intermittently until 1878. The results were exemplarily published in a monograph in 1880 containing rigorous descriptions of the monuments and its respective findings (portrayed by beautiful charcoal drawings of the tombs and its findings). The quality of graphic recording is accompanied by a discussion regarding the importance of observing: the construction techniques adopted; how the terrain and geologic background conditioned its construction; as well as the type of raw materials used in the making of artifacts and its meaning.

Thanks to Carlos Ribeiro's own manuscript notes it was possible to complement his published work. These notes are comprised of preliminary parts of the published work together with field observations conducted during the excavations. Also, they were intersected with notations from other publications compiled by Carlos Ribeiro which he used in the discussion of his own results. These documents illustrate how based on a scientific method the author built his archaeological discourse, emerging as one of the pinnacles in his field of knowledge in Portugal, together with his colleagues of the Geological Commission, Francisco Pereira da Costa and Joaquim Filipe Nery Delgado.

Besides illustrating the production of scientific discourse, based on data collected in the field, and then in the lab until its final result, this paper also provides information regarding the number of field work days and respective participants in the last phase of excavations conducted during most of the Summer of 1878 at the monuments of Monte Abraão, Estria and Carrascal/Agualva.

Keywords: 19th Century, Carlos Ribeiro, History of Science, Megalithism, Portugal.

**1 – A COMISSÃO GEOLÓGICA DE PORTUGAL / SECÇÃO DOS TRABALHOS GEOLÓGICOS
DE PORTUGAL E A GÊNESE DOS ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS DE RAIZ CIENTÍFICA
M PORTUGAL**

Evocou-se Carlos Ribeiro (1813-1882) (Fig. 1), engenheiro de minas, geólogo e arqueólogo, em 2013, a propósito dos duzentos anos do seu nascimento, em Seminário organizado por um de nós (J.L.C.) conjuntamente com o Prof. M. Telles Antunes na Academia das Ciências de Lisboa, onde o insigne cientista publicou as suas obras mais notáveis (CARDOSO, 2013). Pretende-se agora rever o seu contributo para o estudo das

¹Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa (UNIARQ); Centro de Investigação em Saúde e Antropologia (CIAS); Bolseiro Pós-Doc. da FCT. boaventura.rui@gmail.com

²Universidade Aberta e Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras (Câmara Municipal de Oeiras). cardoso18@netvisao.pt

práticas mortuárias das comunidades neolíticas e calcolíticas da Península de Lisboa enquadradas no fenómeno funerário do Megalitismo, as quais foram objecto da tese de doutoramento de um de nós (BOAVENTURA, 2009).

Apesar de remontar a séculos anteriores o interesse dos eruditos pelas construções megalíticas em diversas regiões da Europa, incluindo Portugal, é consensual que a segunda metade do século XIX marcou o nascimento da Arqueologia Pré-Histórica em Portugal, culminando essa intensa actividade na realização em Portugal, em Setembro de 1880, com o patrocínio régio, da *IX Sessão do Congresso Internacional de Antropologia e de Arqueologia Pré-Históricas*. Este encontro consagrou o prestígio científico de alguns investigadores portugueses, dentro e fora do país, para o qual Émile Cartailhac (CARTAILHAC, 1880 e 1886) foi um dos seus maiores arautos, sobretudo porque as suas publicações em francês, distribuídas a partir de França, permitiram uma maior exposição da investigação portuguesa perante a comunidade científica internacional. Por outro lado, a estratégia de internacionalização dos trabalhos da Comissão Geológica de Portugal (1853-1868), e da sua sucessora, a Secção dos Trabalhos geológicos de Portugal (1869-1886)

incrementada desde a década de 1860, através de publicações bilingues (em português e francês), bem como as viagens e os contactos estabelecidos com diversos investigadores europeus efectuados por Carlos Ribeiro e Nery Delgado (LEITÃO, 2004; CARNEIRO, 2005), também beneficiou a divulgação da Pré-História do actual território português.

Num contexto europeu de crescimento industrial, em que a procura de potenciais recursos naturais se tornava urgente, depois de um pouco produtivo grupo de trabalho, a Comissão Geológica e Mineralógica, organizada em 1848, chefiada por Charles Bonnet (ANTUNES, 1987; CARNEIRO, MOTA & LEITÃO, 2013), é criada a 2.^a Comissão Geológica de Portugal em 1857, encabeçada por Carlos Ribeiro e Francisco Pereira da Costa (1809-1888). Num afã sem precedente, o primeiro, militar de formação e com maior capacidade para o trabalho de campo, promoveu trabalhos de campo de diversa natureza, com destaque para os relacionados com a Cartografia geológica e a Geologia Económica, tendo para o efeito constituído um operoso grupo de colectores, que instruiu. Simultaneamente, deu atenção à ocorrência de vestígios humanos, atribuíveis a diversos períodos da Pré-história, em alguns casos explorando-os (SANTOS, 1980; CARDOSO, 1999-2000, 2002, 2007, 2013 a), noutros inventariando-os para eventuais trabalhos ulteriores: veja-se o caso das listagens de antas (NETO, 1976-1977), muitas delas integradas nas Cartas Geológicas 1:50.000, que até época recente ainda mantinham essa informação gráfica, complementada nas respectivas Notícias Explicativas por um capítulo dedicado à Arqueologia Pré-Histórica. Aliás, numa folha de preparativos para a campanha da 1859, tal abrangência e cuidado estão patentes ao listar os aspectos que importava registar (Ribeiro in LEITÃO, 2004, p. 235): “[...] *identificação de minerais úteis; zoologia e criação de animais; botânica e agricultura; doenças, epidemias e salubridade; indústria, pesca, comércio e vias de comunicação – terrestres e aquáticas; águas, irrigação, piscicultura; antiguidades – edificios notáveis.*”



Fig. 1 – Retrato de Carlos Ribeiro (1813-1882).

A faceta arqueológica do trabalho da Comissão foi continuada pelo adjunto da mesma, e depois seu Director (já com outro nome, Secção dos Trabalhos Geológicos de Portugal, desde 1869 e até 1886), após a morte de C. Ribeiro, em 1882, Joaquim Nery Delgado (1835-1908), também ele militar de carreira e, como o seu antecessor, com contactos internacionais bem estabelecidos, a começar por aqueles que as suas viagens científicas proporcionaram (CARNEIRO, 2001). Não obstante os seus notáveis trabalhos arqueológicos realizados nas gutas calcárias da Estremadura, como a da Casa da Moura e a da Furninha (ZILHÃO, 1993), a partir do momento em que foi investido como Director da Instituição, viu-se obrigado a dedicar a partir dessa altura menor atenção. Não obstante, fez questão de esclarecer, através de novas escavações na Ota, a questão do Homem Terciário no que ao território português dizia respeito, que tanto tinha agitado os espíritos em 1880, formalizando assim um preito de homenagem ao seu Mestre e antigo Director (CARDOSO, 1999-2000; CARDOSO, 2008).

Durante a vigência da segunda Comissão Geológica (1857-1868), os trabalhos arqueológicos, ainda que secundários face aos objectivos da Instituição, versaram questões centradas na origem da espécie humana, e da caracterização dos respectivos vestígios, procurando verificar nos estratos geológicos a sua presença e posicionamento, resultando daí os trabalhos nos depósitos terciários (RIBEIRO, 1871, 1873; CARDOSO, 1999-2000; CARDOSO, 2013 a), que estiveram na origem da reunião em Lisboa de IX Sessão do Congresso Internacional de Antropologia e de Arqueologia Pré-Históricas. Tais explorações acompanharam no tempo as intervenções em diversas grutas estremenhas, como as de Maceira e as da área da Cesareda – Casa da Moura, Cova da Moura, Malgasta e Lapa Furada – a que se juntou, pela mesma altura, a primeira intervenção na da Furninha, em 1865 (DELGADO, 1867, 1880, 1884; CARREIRA & CARDOSO, 1992; CARREIRA & CARDOSO, 2001-2002; ZILHÃO, 1993; BICHO & CARDOSO, 2010; CARDOSO & CARVALHO, 2010-2011), bem como a da gruta de Carvalhal de Aljubarota, da qual na época só se publicou curta notícia (DELGADO, 1900-1901).

No vale do Tejo, avultam as escavações efectuadas nos concheiros mesolíticos dos vales das ribeiras de Muge e de Magos (COSTA, 1865; RIBEIRO, 1867; CARDOSO & ROLÃO, 1999-2000; CARDOSO, 2013 b) e em monumentos megalíticos (COSTA, 1868 a, 1868 b; MORTILLET, 1868; RIBEIRO, 1880). Noutras áreas geográficas do País, especialmente no centro interior e no norte, mercê do trabalho esforçado dos colectores, foram localizados numerosos monumentos dolménicos, bem como povoados castrejos, a par de algumas grutas, com destaque para as de Santo Adrião, no concelho de Vimioso, exploradas e publicadas por Nery Delgado (DELGADO, 1888), com espólios pré e proto-históricos.

O eclectismo das investigações então efectuadas e a evidente qualidade das mesmas, desde logo reconhecida além-Pirenéus (DINIZ & GONÇALVES, 1993-1994), evidencia-se pelo longo intervalo de tempo que lhes corresponde, entre o Paleolítico Inferior e a Idade do Bronze Final (tenha-se em consideração os belos fragmentos de cerâmicas com ornatos brunidos recolhidos nas grutas de Maceira/Vimeiro, só identificadas como possuindo ocupações arqueológicas dessa época muito mais tarde (SPINDLER *et al.*, 1973-1974).

O outro membro co-director da segunda Comissão Geológica era F. A. Pereira da Costa (1809-1889), lente de Mineralogia da Escola Politécnica. Concebia a instituição cuja direcção partilhava com Carlos Ribeiro de outro modo do defendido por este. Os trabalhos de gabinete no domínio da Geologia pura seriam para ele prioritários, especialmente os de índole paleontológica, estratigráfica e arqueológica, encarando como subordinados àqueles os de Cartografia Geológica e de Geologia Aplicada.

Esta realidade, que decorria em parte das suas próprias preferências pessoais, pois era pessoa sedentária, que se realizava com os trabalhos de gabinete que ia produzindo, e que constituíam sem dúvida importantes contributos científicos, estiveram provavelmente na origem de grave diferendo com Carlos Ribeiro, que conduziu à extinção da Comissão Geológica nos inícios de 1868. Com efeito, as publicações que Pereira da Costa ia produzindo, de elevados custos tipográficos, retiravam recursos aos trabalhos de reconhecimento

geológico do País, dirigidos por Carlos Ribeiro, que os consideraria, e com razão, sempre insuficientes, criando-se deste modo divergência insanável entre ambos. Foi, portanto, uma diferente perspectiva de ver o futuro da Instituição que ambos dirigiam, que o mesmo é dizer, do lugar das investigações geológicas em Portugal, que terá afastado definitivamente duas personalidades já de si tão diferentes, e não razões do foro íntimo, aspecto que usualmente tem sido valorizado (CARNEIRO, 2005; CARDOSO, 2013 a).

2 – PEREIRA DA COSTA, ANTECESSOR DE CARLOS RIBEIRO NO ESTUDO DOS MONUMENTOS DOLMÉNICOS PORTUGUESES

Tendo sido nomeado membro correspondente do Congresso Internacional de Antropologia e de Arqueologia Pré-Históricas, realizado em Paris em Agosto de 1867, Pereira da Costa enviou uma Memória ao Congresso, abordando em parte os monumentos megalíticos portugueses, que constitui o primeiro contributo de base científica sobre tais manifestações no território português.

Embora o seu conteúdo se reparta por vários aspectos distintos, desde os vestígios mais recuados da existência humana no território português, passando pela ocupação das cavernas, pelas Idades do Bronze e do Ferro, e, finalmente pela abordagem das raças humanas pré-históricas, são os monumentos megalíticos que ocupam a maior parte da Memória, com a inventariação de 39 dólmenes, distribuídos pelo Alentejo, Estremadura, Beira e Trás-os-Montes.

Tal Memória, cuja apresentação oral foi ilustrada por moldes em gesso expressamente preparados em Lisboa para o efeito, foi incluída no volume das actas (COSTA, 1868 a), embora tenha resultado em boa parte de trabalhos de campo realizados por outros membros da Comissão Geológica, designadamente Carlos Ribeiro e Nery Delgado, a par de outros, como Frederico de Vasconcelos Pereira Cabral.

Porém, ao contrário do que já tem sido dito (LEITÃO, 2004, p. 218), sem a necessária justificação, não se pode atribuir a este facto qualquer atitude de má-fé para com os outros membros da Comissão, Carlos Ribeiro e Nery Delgado, já que Pereira da Costa teria por incumbência a preparação dos conteúdos de um catálogo representando os trabalhos que, no domínio da Arqueologia, vinham sendo desenvolvidos pela Comissão Geológica, destinado à Exposição Universal de Paris daquele mesmo ano de 1867, iniciativa que se goraria, por então terem emergido os desentendimentos que originaram, no ano seguinte, a extinção da Comissão, conforme é relatado pelo próprio: “[...] *depois de ter feito a escolha e a descrição dos objectos que deviam ser enviados à exposição universal de Paris, e depois de se acharem representados em estampas os mais importantes d’esses objectos, ocorreram circunstancias pelas quaes, me foi impraticavel a conclusão d’este trabalho, e apesar de todas as nossas diligencias, a industria dos tempos prehistoricos de Portugal, deixou de ser representada na secção da historia do trabalho na exposição de 1867 em Paris.*” (COSTA, 1868 b, p. V).

Tais litografias, reproduzindo materiais das grutas da Casa da Moura e da Furninha, bem como do povoado da Rotura, só recentemente foram dadas a conhecer (CARREIRA & CARDOSO, 1996).

Descontando os contributos setecentistas devidos a Martinho de Mendonça de Pina e de Proença e a Frei António da Madre de Deus Guerreiro, aquele muito fantasioso, este provavelmente mais completo, já que inventariava mais de 300 dólmenes, mas hoje perdido, nas publicações de Pereira da Costa (COSTA, 1868 a, 1868 b) apresenta-se um conjunto de elementos por si coligidos em 1867,¹ relativos a monumentos megalíticos;

¹A notícia da apresentação dos materiais enviados por F. Pereira da Costa a Paris, por G. Mortillet (1868, p. 32) indica, por lapso ou gralha, o ano de 1861.

estas observações, reunidas em bela monografia onde são discutidas com outras informações, que bem evidenciam a actualização dos conhecimentos do seu autor (COSTA, 1868 b), constituem a primeira tentativa sistemática de registo e discussão de monumentos dolménicos no território português e uma das mais precoces efectuadas na Europa. Declarou então Pereira da Costa: “[...] *desejoso de dar ao congresso uma noticia sobre estes monumentos do nosso paiz, fiz uma digressão, em que empreguei apenas treze dias, e fui ver e explorar as Antas, que ainda hoje se acham em melhor ou peor estado no concelho de Castello de Vide, na provincia do Alemtejo.*” (COSTA, 1868 b, p. VII). Desta missão resultou lista de treze antas, das quais visitou 8 e promoveu a escavação de quatro, ainda que com fracos resultados. Além daqueles dados, coligiu ainda informações de outros cinquenta sepulcros megalíticos, baseando-se noutros autores, aparentemente, sem a sua confirmação in loco, como sucedeu no caso da anta da “Villa de Nisa” (BOAVENTURA, FERREIRA & SILVA, 2014).

A participação de Pereira da Costa no Congresso de 1867 seguiu de perto o questionário científico então proposto naquele encontro (COSTA, 1868 b), no que concerne às questões que deveriam ser abordadas na caracterização dos megálitos, como se indica na p. 10 das respectivas Actas:

– *Les monuments mégalithiques sont-ils dus à une population qui aurait occupé successivement différents pays?*

– *Dans ce cas, quelle a été la marche de cette population? Quels ont été ses progrès successifs dans les arts et dans l'industrie?*

– *Enfin, quels rapports ont pu exister entre cette population et les habitations lacustres, dont l'industrie est analogue?*

Ainda que as respostas ficassem aquém do que o próprio desejava, alguns dos seus considerandos demonstram que conhecia a literatura então existente acerca do assunto, originando síntese ao nível do melhor que então se fazia além-Pirenéus, já que a qualidade da investigação então produzida em Portugal não era acompanhada pela efectuada em Espanha, na mesma década de 1860. Daí a importância do seu desafio: “*Oxalá que este fraco começo disperte nas pessoas que se acharem em condições opportunas para ampliar os conhecimentos a este respeito, o desejo de fazerem conhecidos a existencia, e o estado d'estes monumentos, que apesar da devastação a que teem estado sujeitos, ainda abundam em algumas das nossas provincias, principalmente no Alemtejo e nas Beiras. Só depois de bem conhecida a distribuição d'estes monumentos no nosso paiz, é que se poderá conhecer a marcha que n'elle executou o povo que os construiu.*” (COSTA, 1868 b, p. VIII).

A acção de Pereira da Costa, no domínio do estudo do megalitismo envolveu ainda a impressão de pelo menos dez litografias, de grandes dimensões, representando-se em nove delas várias dezenas destes monumentos, correspondendo a décima a conjunto de espólios arqueológicos, como placas, contas e um báculo (o báculo de Martim Afonso), que corporizam as primeiras reproduções de tais objectos. Este conjunto integraria um outro álbum, para além do que se projectava apresentar na Exposição de Paris de 1867 mas que, pelas razões já apontadas, jamais viria a ser publicado, constituindo as referidas gravuras hoje em dia raridades bibliográficas (Fig. 2).

3 – A ACCÇÃO DE CARLOS RIBEIRO: ANTAS, GRUTAS NATURAIS E ARTIFICIAIS E POVOADOS PRÉ-HISTÓRICOS

As concepções distintas de Carlos Ribeiro e de Pereira da Costa sobre o que deveriam ser as prioridades do organismo que ambos dirigiam, acabaram por originar posições profissionais e pessoais antagónicas, levando à crise da Comissão Geológica de Portugal, já existente em 1867, com a consequente extinção desta, nos começos de 1868, culminando, em Dezembro de 1868, com a ordem de transferência da colecção dos

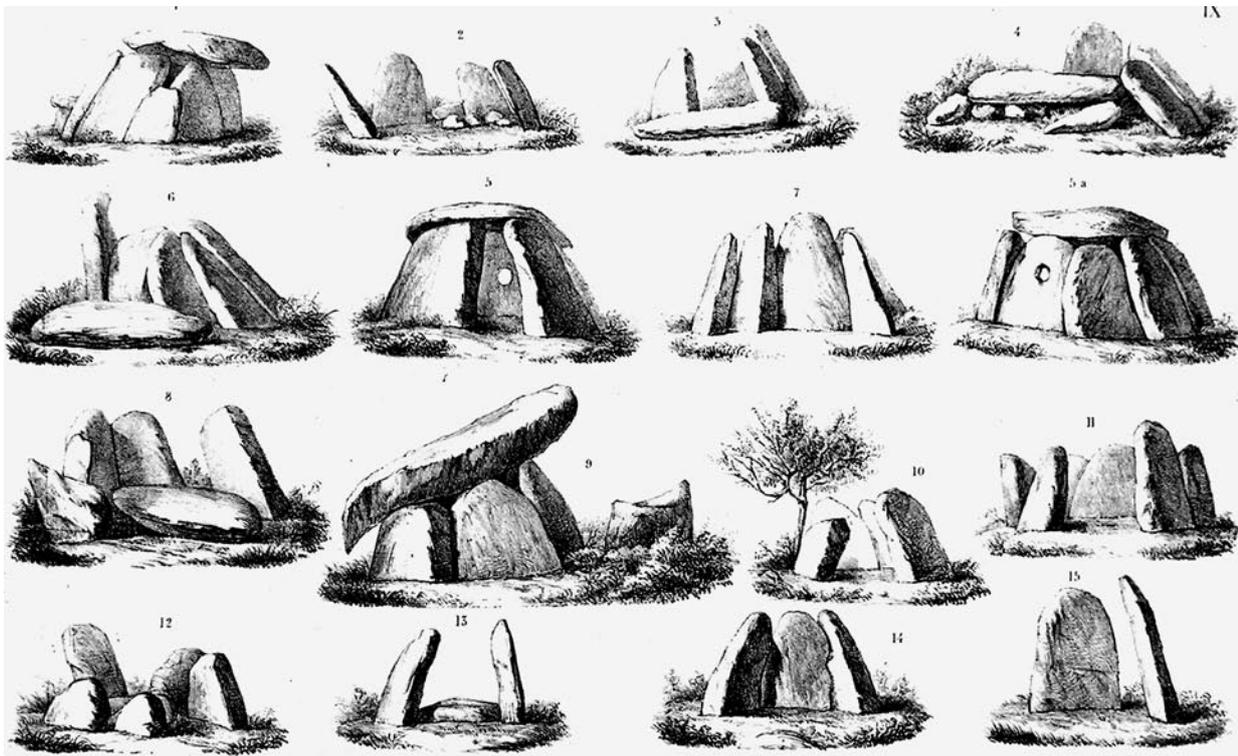


Fig. 2 – Uma das nove folhas litografadas reproduzindo vistas de antas desenhadas a carvão, executadas por iniciativa de Pereira da Costa antes da extinção da Comissão Geológica de Portugal em 1868. Notar, na segunda linha, ao centro, o desenho da antade Candeeira, na serra de Ossa, com a particularidade de possuir uma abertura no esteio de cabeceira, correspondendo à primeira representação deste monumento (Arquivo J. L. Cardoso).

espécimes recolhidos (geológicos e arqueológicos), incluindo a biblioteca, para a Escola Politécnica, onde Pereira da Costa era lente de Mineralogia (ANTUNES, 1987, 1989; CARDOSO, 2013 a). Porém, na sequência de nova mudança governamental, a extinta Comissão é recriada, em Dezembro de 1869, agora somente sob a direcção de C. Ribeiro, mantendo Nery Delgado o estatuto de adjunto, sob a designação de Secção dos Trabalhos Geológicos de Portugal.

Para colmatar as perdas das colecções registadas em 1868, que no entanto não foram totais, pois ainda hoje se conservam espólios da gruta da Furninha com etiquetas datadas de 1865, que devem ter permanecido na Comissão Geológica (CARDOSO & CARVALHO, 2010-2011), a década de 1870 registou intensa actividade arqueológica, até porque, depois da decisão do Governo português, tomada em finais de 1878, de reunir em 1880 o Congresso Internacional de Arqueologia e de Antropologia Pré-Históricas, importava recolher o maior número possível de testemunhos pré-históricos, para serem apresentados aos membros do Congresso.

O interesse de Carlos Ribeiro pelo estudo dos dólmenes da região de Belas remonta à década de 1870, tendo publicado em 1880 o resultado das suas investigações com a indicação cartográfica dos respectivos monumentos (RIBEIRO, 1880, Est. 1) (Fig. 3).

Os primeiros resultados expressaram-se por comunicação apresentada à Secção de Antropologia da Associação Francesa para o Progresso das Ciências, reunida em 1878 em Paris, intitulada “*Dolmens et grottes sépulcrales du Portugal*” (RIBEIRO, 1878 a). Nela dá notícia do início das escavações dos monumentos da região de Belas: “*A présent on a commencé des fouilles dans le groupe de Bellas, à 15 kilomètres N.-O. de Lisbonne; un*

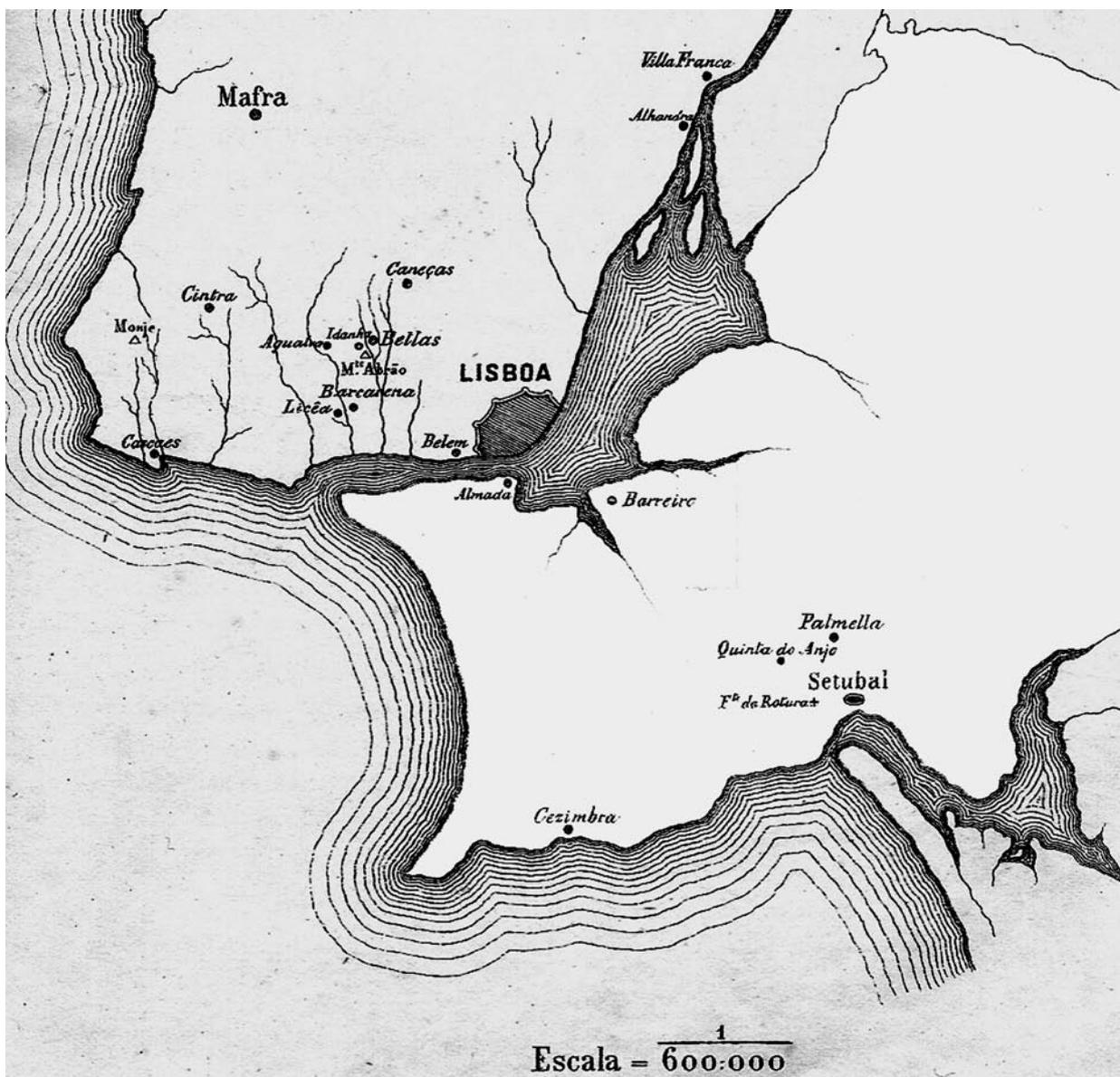


Fig. 3 – Localização da anta de Monte Abraão e da anta do Carrascal/Aqualva. As antas da Pedra dos Mouros e da Estria não se distinguem, neste mapa, da de Monte Abraão (seg. RIBEIRO, 1878, Est. 1) (Arquivo J. L. Cardoso).

dolmen est sans galerie au lieu dit Pedra dos Mouros, trois sont avec galerie, à Monte Abrao, à Estria, d'Aqualva. Tal notícia encontra-se ilustrada por duas estampas, uma delas alusiva aos dólmenes de Carrascal / Aqualva e de Monte Abraão (Fig. 4).

As antas referidas somam-se a outras, também identificadas no decurso dos reconhecimentos geológicos então efectuados na região de Lisboa, como sejam as de Pedras Grandes, Alto da Toupeira 1, Batalhas, Casal do Penedo e Carcavelos, além do *tholos* do Monge (RIBEIRO, 1880). Também a publicação das quatro grutas artificiais do Casal do Pardo, exploradas pelo colector António Mendes em 1876, tinha sido planeada por Carlos Ribeiro, não concretizada, ao contrário da gruta artificial da Folha das Barradas publicada também em 1880.

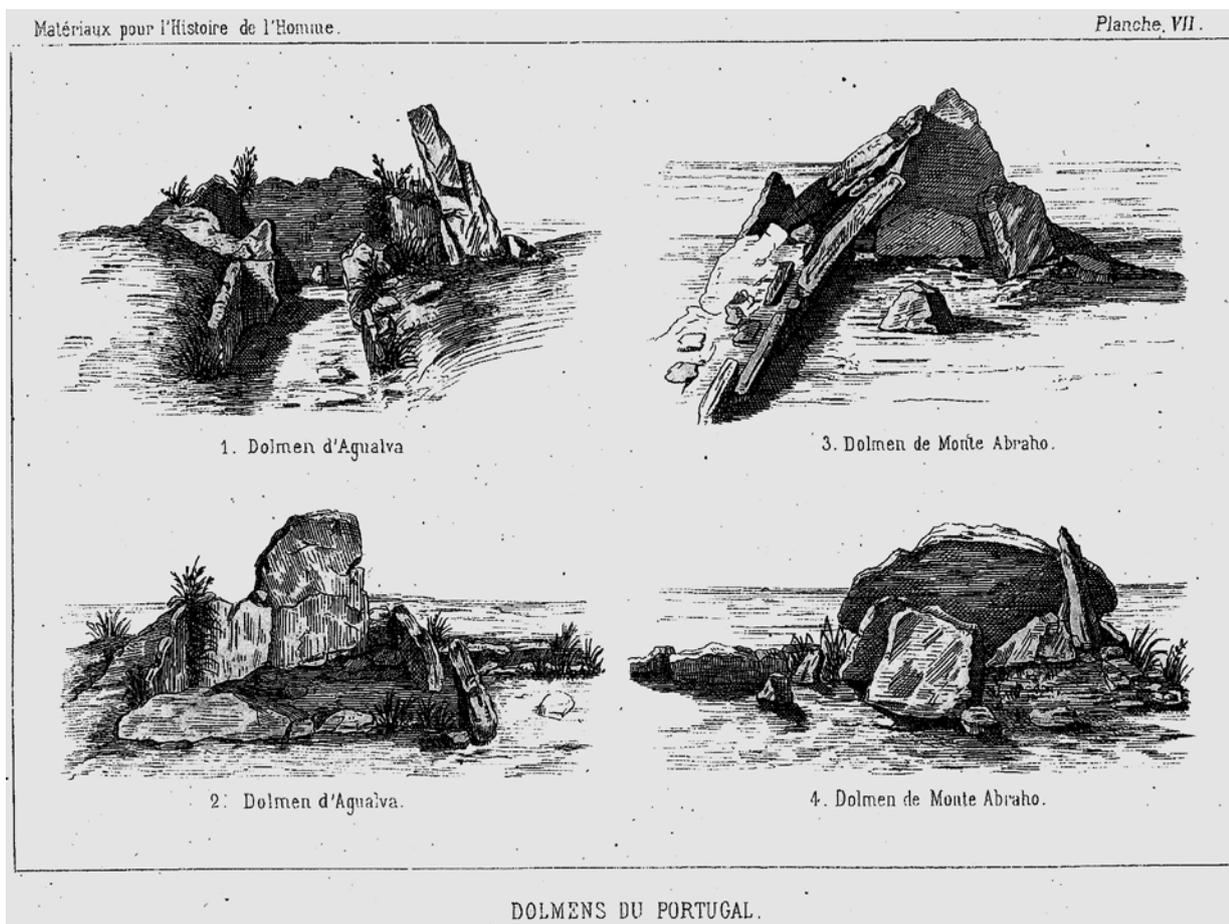


Fig. 4 – Gravura litográfica reproduzindo desenhos a carvão das antas de Carrascal/Aqualva e de Monte Abraão (seg. RIBEIRO, 1878 a, Pl. VII) (Arquivo J. L. Cardoso).

A par destas estações, foram exploradas no final da década de 1870 as grutas naturais da Cova da Raposa/Cova Grande² e Cova do Biguino, na região de Olelas (Sintra), só publicadas muito mais tarde e de forma genérica (NOGUEIRA, 1931), do Moinho da Moura (associada ao povoado de Leceia) (RIBEIRO, 1878 b), da Ponte da Laje (CARDOSO, 2013 c), e das grutas de Porto Covo e do Poço Velho (GONÇALVES, 2008 e 2009).

Além dos sítios referidos, depois da morte de C. Ribeiro, diversas grutas e antas foram exploradas sob a supervisão de J.N. Delgado, nomeadamente as grutas do Carvalhal de Aljubarrota (DELGADO, 1900-1901) e, na região transmontana, as grutas de Santo Adrião (DELGADO, 1889). Também as antas de Sobreira 1, São Gens 1 e Saragonheiros 1 e 2 foram então exploradas por sua iniciativa (BOAVENTURA, FERREIRA & SILVA, 2013, 2014).

Todos os sítios referidos tiveram notícia publicada ou, pelo menos, os seus materiais foram depositados no Museu Geológico, devidamente etiquetados com indicação de proveniência. Este cuidado museológico foi deveras importante, evitando extravios e misturas evitáveis, resultantes de remodelações ulteriores da exposição arqueológica (algumas bem recentes e evitáveis).

²O estudo que se espera dar à estampa em breve, concluiu que as grutas de Cova da Raposa e Cova Grande serão uma mesma realidade.

C. Ribeiro também procurou perscrutar nos restos antropológicos de alguns sepulcros, em particular de Monte Abraão e Folha das Barradas, informação hoje comumente expectável, como o número mínimo de indivíduos, a idade e o sexo – algo entretanto relegado para um plano secundário a favor de avaliações ráticas dos indivíduos exumados em contextos pré-históricos de Portugal, seguindo a tendência europeia, que perdurou até à década de 1980. Também a classificação faunística foi evidenciada, nomeadamente acerca de restos do povoado pré-histórico de Leceia (RIBEIRO, 1878 b, p. 66), a par da identificação, naquele povoado, de artefactos de pedra polida confeccionados em rochas anfibolíticas, o que remetia a sua origem para mais de uma centena de km de distância, configurando comércio de matérias-primas de origem geológica a assinaláveis distâncias, realidade que foi o primeiro a observar, realçando também assim, o seu pioneirismo.

Associados aos trabalhos arqueológicos conduzidos por Carlos Ribeiro e Nery Delgado, no âmbito da Secção dos Trabalhos Geológicos de Portugal, a partir de 1869, há que registar, de Francisco de Paula e Oliveira, a autoria de diversos estudos antropológicos dedicados aos restos humanos mesolíticos e neolíticos (OLIVEIRA, 1884), e de Alfredo Bensaúde (BENSAÚDE, 1884 e 1889), sobre a natureza mineralógica de artefactos líticos ou a composição dos artefactos de cobre, igualmente pertencentes ao acervo da referida Instituição.

Assim se explica que, da exploração das antas da região de Belas, resultassem observações de assinalável qualidade, quer no respeitante às construções propriamente ditas, quer no que se refere à natureza dos respectivos espólios e seu significado.

4 – AS ANTAS DE BELAS VISTAS POR QUEM AS EXPLOROU E PUBLICOU

O conjunto constituído pelos quatro monumentos dolménicos da região de Belas: Pedra dos Mouros, Monte Abraão e Estria, todos separados uns dos outros de algumas centenas de metros, a que se junta a anta de Carrascal, um pouco mais afastada para Oeste, revela aspectos dignos de nota acerca da qualidade de trabalho de C. Ribeiro.

Um dos aspectos que ressalta, é o cuidado que aquele demonstrou na descrição da implantação das antas e seu enquadramento geológico e geomorfológico, a par da identificação das características dos monumentos e de particularidades resultantes da sua escavação, igualmente estendidas à análise das peças recuperadas.

Pedra dos Mouros: A anta de Pedra dos Mouros (Código Nacional de Sítio - CNS-11301) era conhecida de Carlos Ribeiro desde a década de 1850 – como o próprio declarou no manuscrito adiante apresentado mas sem que lhe tenha compreendido o significado – época em que procedeu ao reconhecimento geológico dos arredores de Lisboa para o abastecimento de água à cidade. O monumento só foi explorado em 1876, tendo para tal obtido a autorização e o apoio do proprietário, o Marquês de Belas (RIBEIRO, 1880).

Tal como aconteceu de início com Carlos Ribeiro, nem todos os autores se aperceberam de ser aquela estrutura uma anta, titulando-a “*Penedos na quinta de Bellas*”, associados a lendas de mouros (BARBOSA, 1862; BOAVENTURA, 2009). Importa referir que o esteio de maiores dimensões deste monumento, fortemente inclinado, era especialmente utilizado para propiciar a fecundidade feminina, segundo informações de O. da Veiga Ferreira a um de nós (J.L.C.), escorregando as mulheres ao longo do mesmo, em contacto directo com a pedra. Com efeito, era célebre a romaria anualmente ali realizada por peregrinos, que se empoleiravam no monumento, conforme se pode ver numa foto de J. Benoliel, de 1907 (CARDOSO & BOAVENTURA, 2011, Fig. 3 A) (Fig. 5), cujas origens eram por certo muito anteriores à fundação da capela do Senhor da Serra, e da respectiva romaria.



Fig. 5 – Dia de Romaria do Senhor da Serra, com vários populares encarrapitados na anta da Pedra dos Mouros. Foto J. Benoiel (Arquivo Fotográfico da Câmara Municipal de Lisboa 1900-1910).

Carlos Ribeiro descreveu-o como “*um monumento incompleto*”, apenas com três ortóstatos remanescentes, *in situ* (Fig. 6). O esteio *A* encontrava-se inclinado para norte, apresentando, 5 metros de comprimento, acima do solo, por 3,7 m de largura e 0,27 m de espessura média. Este apoiava-se parcialmente no esteio *B*, à data ainda inteiro, com 4,5 m de comprimento, por 2 m de largura e 0,25 m de espessura média. Por sua vez, este estaria encostado ao esteio *C*, com cerca de 4 m de largura, mas aflorando apenas a 1 m acima do solo, pois encontrava-se partido, não se avistando qualquer fragmento em redor. Durante a escavação, encontrou ainda quatro lajes menores que considerou poderem corresponder a fragmentos de outras maiores ou,

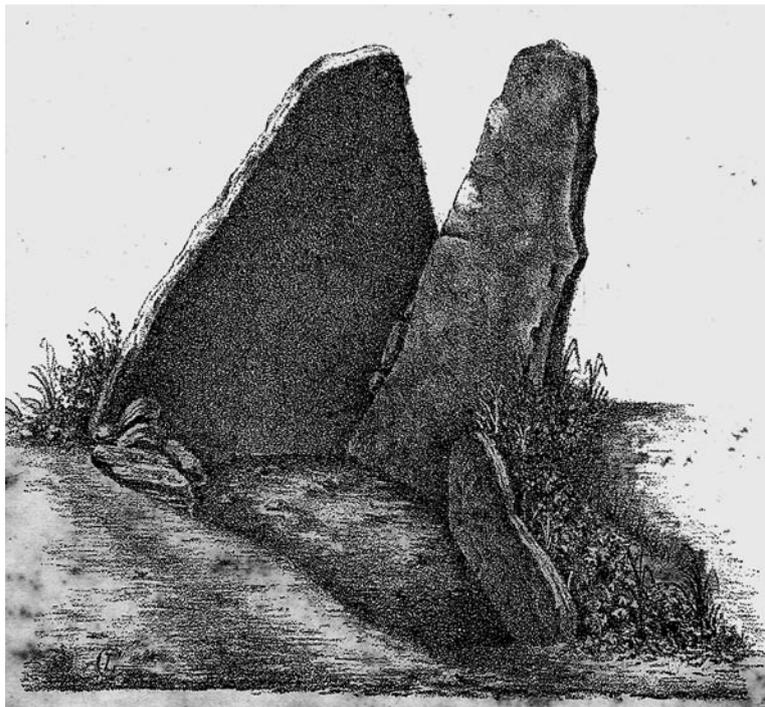


Fig. 6 – A anta da Pedra dos Mouros, conservando ainda dois dos seus grandes esteios de pé (seg. RIBEIRO, 1880, Fig. 3), desenho da autoria de Luiz Couceiro, assinado pelas iniciais, LC.

eventualmente, “da mesa ou chapéu que coroava o monumento, se é que o teve” (RIBEIRO, 1880, p. 6). Na sua planta, representou dois desses blocos do lado nascente. Os três esteios, mas provavelmente os restantes blocos também, eram de “*calcareo argiloso cinzento mui duro*”, em tudo semelhantes ao substrato imediato (RIBEIRO, 1880, p. 6), caracterização ainda hoje possível de verificar. C. Ribeiro pensava que a cabeceira do sepulcro seria do lado sul, constituída pelos esteios A e B. Segundo ele, a exploração da anta realizou-se no espaço compreendido entre os três esteios detectados, com um formato trapezoidal, até uma profundidade 0,80 m. Nessa área foi possível observar que a base dos esteios assentava no filão-camada de “*porphyro trachytico*”, que havia reduzido a dureza dos estratos calcários.

A degradação do monumento foi rápida: assim, se a fotografia tirada por G. e V. Leisner, em 1933, ainda revela ainda a existência dos dois grandes esteios A e B, encostados um ao outro, já uma fotografia tirada com Abel Viana, nos finais da década de 1950 ou inícios da seguinte, revela o esteio B já tombado (Fig. 7). Pior, o único esteio que se mantinha de pé fracturou-se recentemente a cerca de meia altura, caindo a metade superior por terra, separada em vários fragmentos. É lamentável que não tenha havido precauções que tivessem evitado o colapso registado, apesar de o conjunto das antas de Belas (Monte Abraão, Estria, e a presente estar classificado como Monumento Nacional desde 16 de Junho de 1910. E ainda mais lamentável é o facto de, vários anos decorridos sobre o acidente, ainda não tenha sido efectuado o restauro que se impõe.

Carlos Ribeiro notou que o conteúdo do sepulcro fora já revolvido, sendo os achados “*pouco fructuosos*”. Essa impressão confirmou-se com a presença, no fundo da escavação, de uma moeda portuguesa de cinco reis, de cobre, datada de 1741 (paradeiro desconhecido), mas, sobretudo, pelas informações de habitantes locais,



Fig. 7 – A anta da Pedra dos Mouros: em cima conservando ainda dois dos seus grandes esteios de pé, fotografados por G. e V. Leisner em 1933 (Arquivo Leisner, DGPC); em baixo, apenas com um dos dois grandes esteios ainda de pé, ao lado do qual Abel Viana se fez fotografar, nos finais da década de 1950 ou inícios da seguinte (foto Arquivo O. da Veiga Ferreira / J. L. Cardoso).

que referiram a exploração daquele dólmen, cerca de doze anos antes (1864?), recolhendo-se ali bastantes objectos. Infelizmente, C. Ribeiro não conseguiu obter dos seus informadores mais detalhes. Assim, concluía que aqueles visitantes buscavam tesouros, tendo atingido todos os cantos da área escavada.

Conforme se referiu noutra lugar (BOAVENTURA, 2009), é provável que os objectos atribuídos a uma “anta de Belas”, provenham, de facto, de Pedra dos Mouros, sobretudo porque esses materiais surgem associados a fichas antigas de J. L. Vasconcelos, referindo serem de “*exploração e rótulos de Pereira da Costa*” (cf. LEISNER, 1965, Taf. 53, 2).



Fig. 8 – A anta de Monte Abraão, fotografada por G. e V. Leisner em 1933 ou 1944 (Arquivo Leisner, DGPC).

Monte Abraão: A anta de Monte Abraão (CNS-655) (Fig. 8), da Pedra do Monte Abraão (RIBEIRO, 1880), designação que também consta dos cadernos manuscritos do ANEXO 2, ou do Alto de Monte Abraão (SIMÕES, 1878; etiqueta da peça MG178.242), terá sido igualmente identificada por C. Ribeiro, tal como a antecedente, em meados do século XIX, mas a sua escavação só terá ocorrido muitos anos depois, e em diversos momentos, a crer nas etiquetas coladas em alguns materiais, em Fevereiro de 1875 (1.02.1875 – MG178.242; 8.02.1875 – MG178.2 e 56), Maio e Junho de 1877 (20.05.1877 – MG178.240 e 243; 31.06.1877 – 178.215) e Setembro de 1878 (7.09.1878 – MG178.186 e 187). Este último ano, conforme as folhas diárias publicadas no ANEXO 1, foi dedicado à conclusão da escavação, no decurso dos meses de estio, seguida da crivagem de terras, pois os dentes soltos são as peças que apresentam esta data, com a menção a “*terra joeirada*” (MG178.186, 187, 194, etc.).

Segundo C. Ribeiro (RIBEIRO, 1880, p. 9) Monte Abraão era o mais bem conservado de todos “*os megalithos [...] nas vizinhanças de Bellas*”, com uma orientação oeste-este, apresentando um estilo diferente de Pedra dos Mouros, que apontava para Norte, segundo Carlos Ribeiro. O sepulcro foi implantado na bancada de calcários duros do Cenomaniano superior, encontrando-se parcialmente coberta por uma capa de argila “*vermelho-sanguínea*”, nalguns pontos atingindo a espessura de 0,60 m, resultante da alteração do manto basáltico situado a poucos metros para sul. Para a sua implantação, o recinto foi escavado, bem como os alvéolos dos ortóstatos, admitindo o autor, o uso do fogo para a quebra e desagregação de algumas partes do substrato. No entanto, as lajes utilizadas na construção do edifício foram sacadas a algumas centenas de metros para norte, na bancada subjacente, que permitiu a obtenção de blocos regulares, ainda que bastante rugosos.

O sepulcro apresenta uma câmara constituída, pelo menos, por 6 ortóstatos (A-F), cujo maior deles era o esteio de cabeceira (Fig. 9), sobre o qual assentava ainda parcialmente a laje de cobertura. O esteio principal surgia ainda reforçado, pela face interna, por uma laje em cutelo, e um anel pétreo pelo exterior, que se estenderia aos restantes ortóstatos. C. Ribeiro apontava ainda três esteios (H, I e J) alinhados no lado sul do corredor, aparentemente, ainda *in situ* (RIBEIRO, 1880, p. 9-11; LEISNER, 1965, Taf. 54), descrevendo,

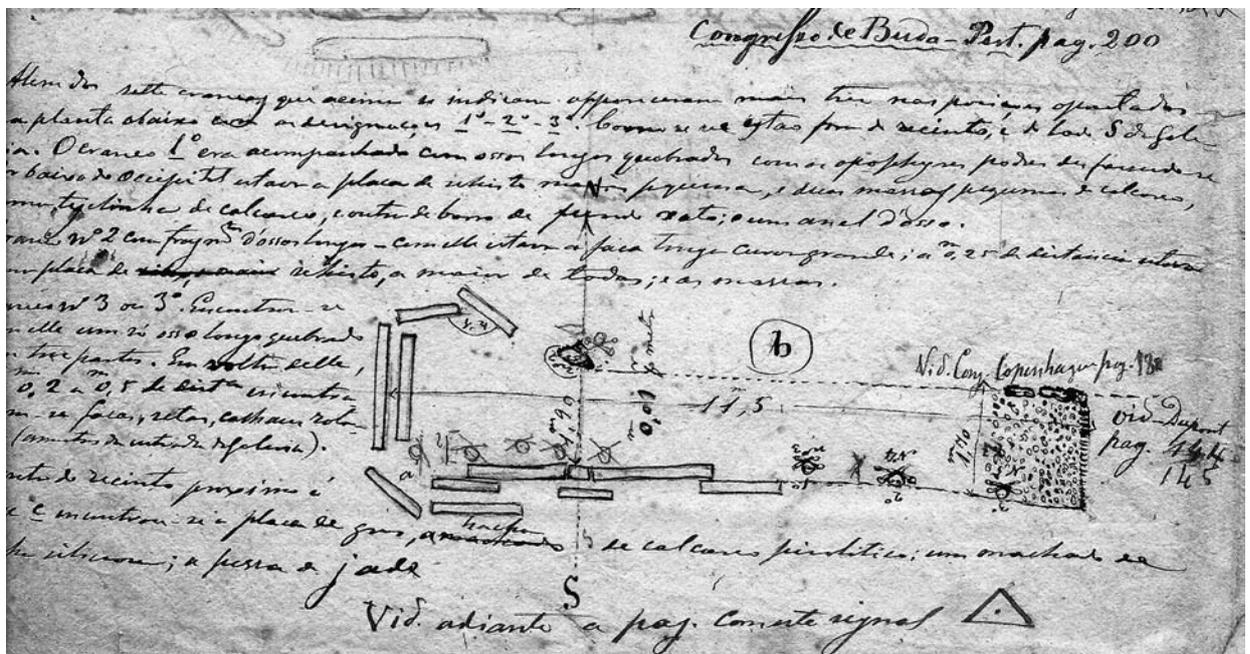
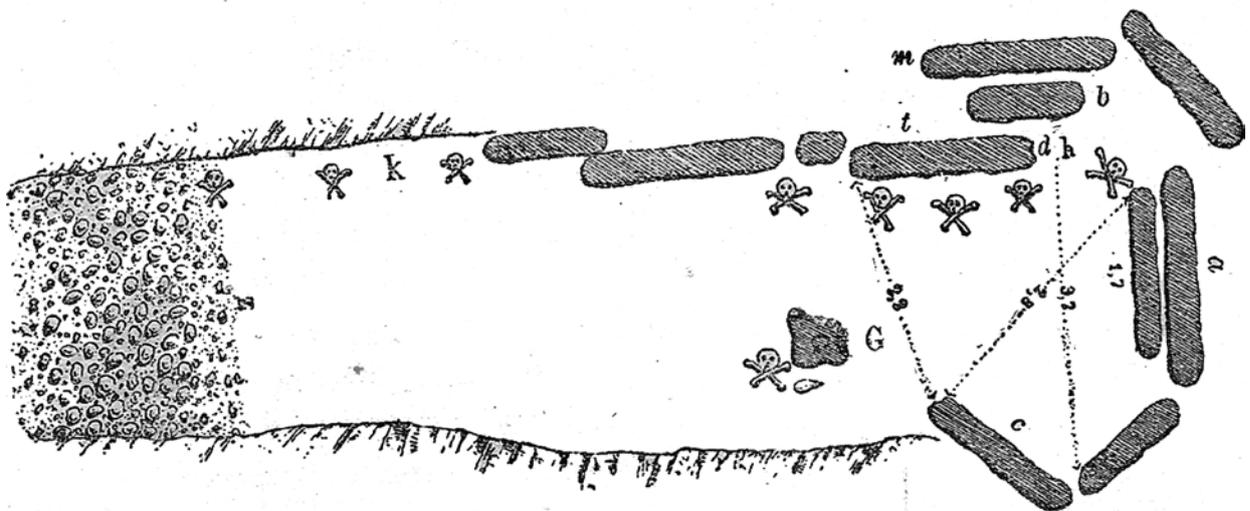


Fig. 9 – Planta da anta de Monte Abraão (seg. RIBEIRO, 1880, Fig. 4), em cima, e esboço da planta da mesma inserido no original autógrafo do mesmo autor (ANEXO 2), em baixo.

no lado norte, além de uma pequena laje em cutelo, K (G em RIBEIRO, 1880), um alinhamento de pedras orientado a este, por vezes na vertical, por uma extensão de 3 a 4 metros, provavelmente calços dos esteios entretanto desaparecidos. A restante extensão do corredor foi presumida pelos achados, nomeadamente, uma concentração de seixos fluviais em quartzito, basalto e calcário, sob a qual ainda se encontraram restos ósseos. No entanto, estes seixos também parecem ter surgido por toda a área da anta, sobretudo na camada superficial, talvez um vestígio do manto tumular.

Como já ocorrera com a Pedra dos Mouros, C. Ribeiro não terá compreendido totalmente a estrutura de Monte Abraão. Assim, interpretava a laje G, não como o chapéu da anta, mas como apenas um dos esteios propositadamente inclinado e sustido pelo esteio D, considerando que aquele sepulcro não fora desenhado para

receber uma laje de cobertura, distinguindo-se por isso dos outros sepulcros da região (RIBEIRO, 1880, p. 12).

Apesar de reconhecer que o sepulcro pudesse ter sido devassado e remexido anteriormente, C. Ribeiro também anotava que “[...] os exploradores deixaram ali os objectos de arte que encontraram, por não lhes compreenderem o valor, ou por não terem encontrado entre elles coisa alguma que lhes despertasse a cubiça” (RIBEIRO, 1880,

p. 13), de alguma forma contradizendo os motivos para o reduzido espólio da anta de Pedra dos Mouros.

A escavação foi iniciada pela área da câmara, avançando depois pela galeria. “E à medida que a terra ia sendo arregaçada, tomava-se nota da posição em que iam sendo encontrados os objectos mais importantes, e depois era catada com cuidado. Em seguida estas mesmas terras, depois de bem seccas, foram joeiradas, conseguindo-se assim um grande augmento na colheita dos objectos havidos n’este dolmen” (*idem, ibidem*). Contudo, tal tarefa de crivagem de terras só terá sido realizada, ou pelo menos concluída, quase três anos após o início da intervenção, como se mencionou *supra*.

Infelizmente, do cuidado no registo da proveniência dos achados, apenas é possível obter algumas informações na publicação.

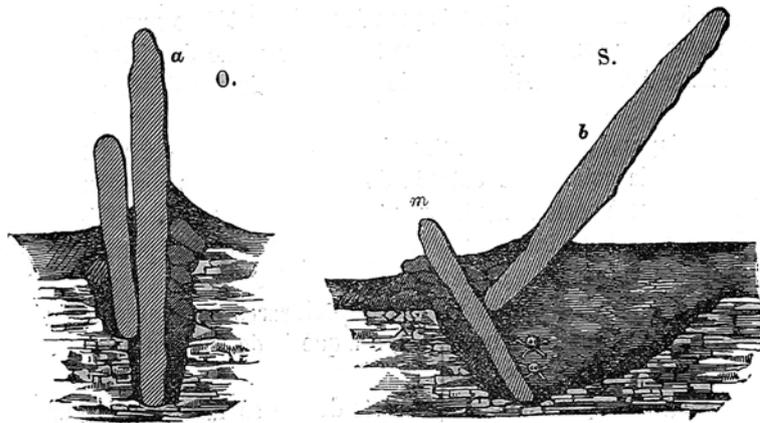
Os apontamentos autógrafos a que foi possível aceder, nos quais se basearam a redacção da memória publicada em 1880, e que se transcrevem na íntegra no ANEXO 2, permitem perceber, na ausência de cadernos de campo, as condições e as fases que presidiram à escavação deste dólmen.

Uma primeira constatação foi o cuidado dispensado à caracterização do modo como se fixaram os esteios do monumento no terreno, mediante a abertura de roços nos calcários que constituem o substrato geológico local, admitindo para o efeito, como acima se referiu, o uso do fogo (Fig. 10). Tal atenção à tecnologia construtiva pré-histórica não foi estranha a formação de Carlos Ribeiro no campo da Engenharia Militar e de Minas.

A segunda constatação, relaciona-se com o cuidado dispensado à localização dos restos humanos, os quais se encontraram, na sua maioria, do lado sul, o que parece coincidir com o lado do sepulcro melhor preservado. A excepção ocorreu apenas junto ao esteio *K*, elemento que reforça a hipótese de um maior estreitamento do corredor.

Os achados estavam concentrados nas mesmas áreas que as ossadas humanas. Analisando a sua dispersão e tipo, não se nota nenhuma disposição inusitada, o que, também, só seria pertinente com a localização integral dos objectos. É, no entanto, possível verificar que o ídolo-placa (MG178.20) foi recolhido próximo do esteio *D*, na entrada da câmara. Uma concentração de vários artefactos, junto a *K*, foi realçada por C. Ribeiro, apontando ali, para além de ossadas humanas, dois ídolos afuselados (um deles o MG178.10), um punhal (MG178.6), lâminas (MG178.63 e 64) (Fig. 11), o ídolo almeriense (MG178.24) e várias pontas de seta (Fig. 12).

A aludida concentração de seixos de natureza petrográfica distinta, bem evidenciados na planta do monumento, poderia ser interpretada como um simples arranjo de pavimento da entrada do corredor. Contudo, a possibilidade de corresponder a um altar, de alguma forma semelhante a outros casos reconhecidos na região de Lisboa, como na gruta do Correio-Mor, no Sudeste espanhol (nomeadamente em alguns sepulcros



de Los Millares, Almeria) e na Galiza (CARDOSO *et al.*, 1995), não deverá ser ignorada. Isto, porque, se nos dois primeiros casos, os elementos envolvidos correspondem, de facto, a peças claramente trabalhadas, na Galiza, apesar da evidente concentração, alguns desses objectos não se apresentam tão claramente afeiçãoados, situação que também poderia ocorrer em Monte Abraão. Aliás, a interpretação adiantada (RIBEIRO, 1880, p. 61) aproxima-se deste sentido: “*Parece-nos pois podermos inferir d’este facto que o emprego dos referidos seixos, estranhos á localidade, não era para cobrir os restos mortaes dos individuos ali inhumados [...] mas significaria acaso o cumprimento de um preceito religioso, ou seria a expressão de uma homenagem de sentimento, de respeito e de saudade prestada*

pelos parentes e amigos dos finados ali depositados, lançando cada qual na jazida uma pedra trazida de longe, de forma arredondada, que symbolisasse uma ideia, um pensamento, o da eternidade por exemplo, se é que na época dos dolmens já havia uma tal ou qual noção a este respeito.”

Finalmente, apesar da dificuldade de preservação de muitas dos restos humanos detectados, visto “[...] *que não era possível tocar numa apophyse e em muitos ossos esponjosos, que não se desfizessem logo em pó ou em miúdos fragmentos*” (*op. cit.*, p. 60), C. Ribeiro anotou uma série de considerações para o conjunto osteológico humano recuperado. Ainda que não seja hoje possível perceber que ossos foram recuperados e onde, as concentrações osteológicas principais foram assinaladas em planta, diferenciando entre esqueletos (cinco ou seis) e peças ósseas soltas. Ao longo da sua descrição nomeava os tipos de ossos identificados, sobretudo os crânios, bem como as associações com artefactos.

Face ao estado revolto de muitas das ossadas humanas, C. Ribeiro colocou a hipótese de “[...] *que os individuos a que diziam respeito tivessem sido sepultados n’outros logares, d’onde, depois de consumidas as partes molles, tivessem os seus restos sido removidos para o logar do dólmen*” (*op. cit.*, p. 58), admitindo portanto deposições secundárias na sequência de transladação. Contudo, argumentava contra aquela hipótese por causa do elevado investimento na construção do sepulcro, bem como pelas abundantes oferendas que se encontraram acompanhando os restos mortais. Assim, apontou uma outra explicação para a dispersão das ossadas: “*Ora é claro que em qualquer d’estas posições [cadáver de cócoras ou sentado com a cabeça apoiada nos joelhos], e depois do desaparecimento das partes molles do cadaver, deviam as peças osseas do esqueleto separar-se, e grande parte d’ellas misturarem-se mais ou menos confusamente, se este modo de sepultar foi executado em Monteabráo.*” (*op. cit.*, p. 58). A partir dessa questão adiantava ainda a possibilidade da pré-existência de enterramentos antes da erecção da anta, argumentando para isso com o imbricamento das lajes B e E, esta última atravessando “[...] *a terra vermelha contendo ossos humanos dispersos e quebrados*” e com os restos ósseos recolhidos

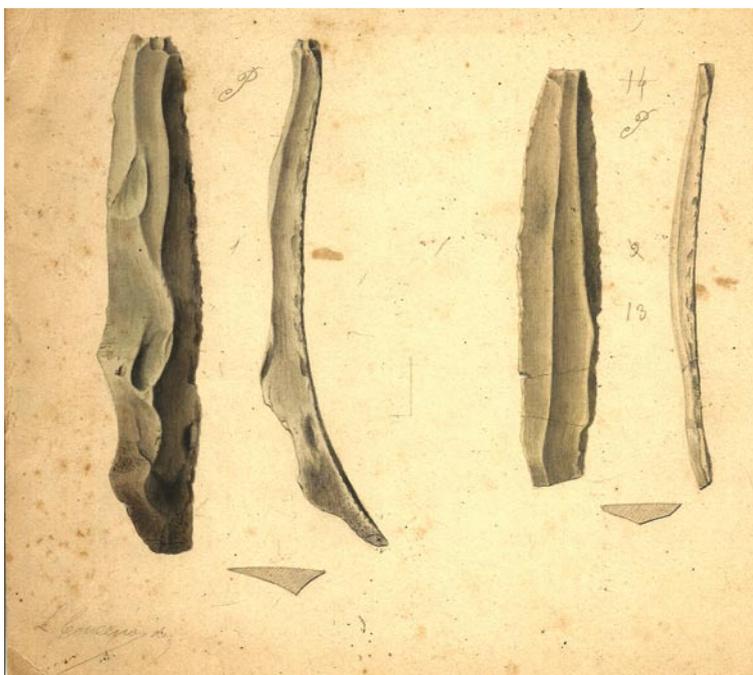


Fig. 11 – Desenhos a carvão de duas lâminas de sílex da anta de Monte Abraão, por Luiz Couceiro, funcionário da Secção dos Trabalhos Geológicos de Portugal, reproduzidos ulteriormente (RIBEIRO, 1880, Figs. 13 e 14). Comprimento da maior: 145 mm.

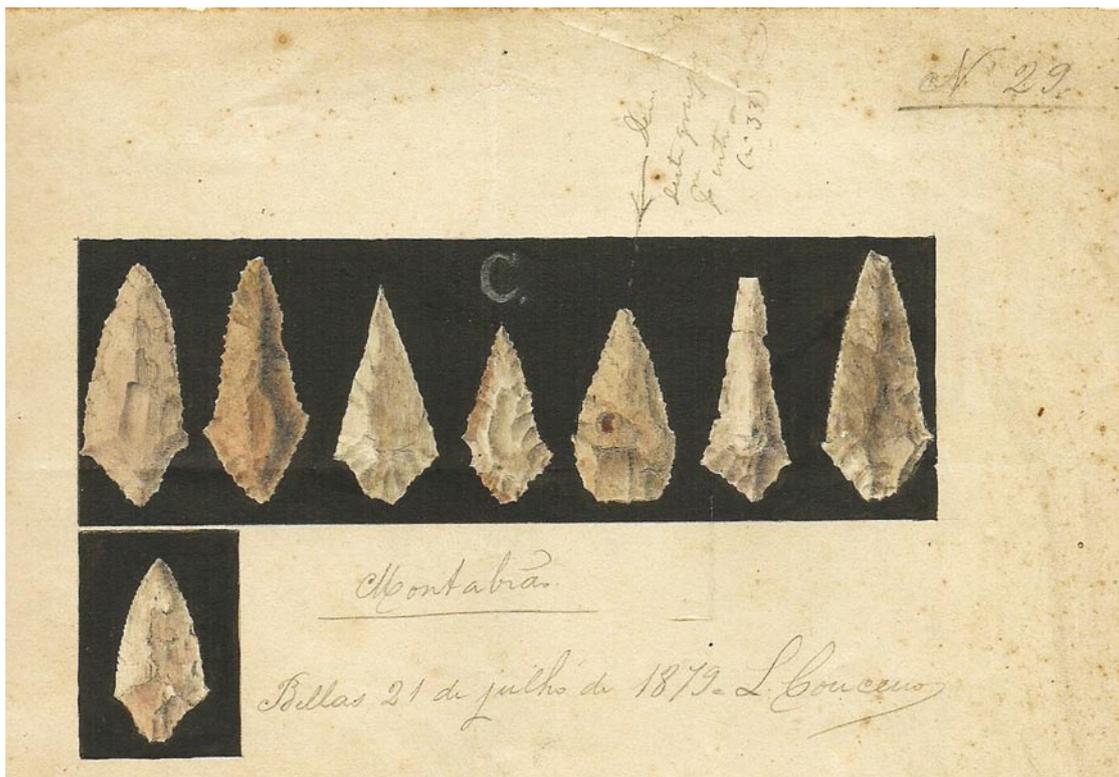
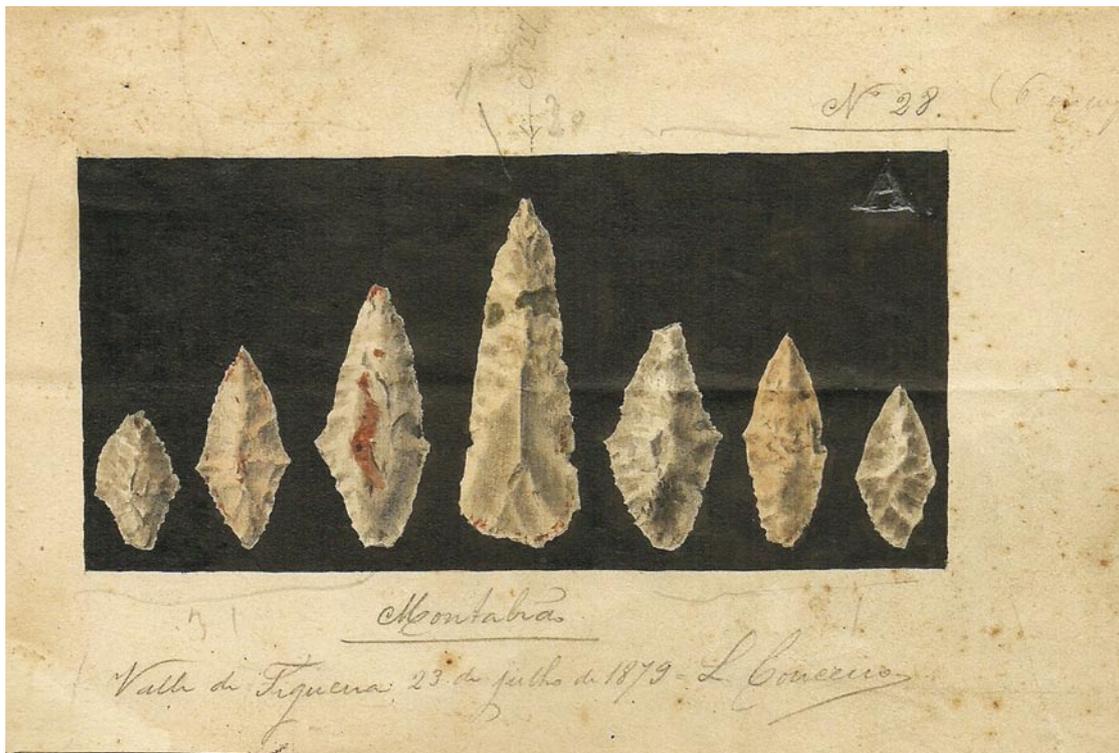


Fig. 12 – Desenhos a carvão de pontas de seta de sílex da anta de Monte Abraão, por Luiz Couceiro, datados de Vale de Figueira (distrito de Santarém), de 23 de Julho de 1879 (em cima) e de 21 de Julho de 1879, reproduzidos ulteriormente (RIBEIRO, 1880, Figs. 30, 31 e 32). Comprimento da maior: 48 mm.

entre os esteios (*op. cit.*, p. 59). Ressalvando o pioneirismo destes trabalhos, julga-se que a reapreciação actual destas evidências coloca reservas a esta última possibilidade.

Outro aspecto pioneiro no texto de C. Ribeiro, também ensaiado na gruta artificial de Folha das Barradas, ainda que de forma menos sistemática, foi a tentativa de estimar o número de indivíduos com base em elementos do esqueleto humano, no presente caso, os dentes caninos. De facto, este tipo de exercício apenas voltará a ser realizado desta forma nas últimas décadas do século XX, quando se impõem em Portugal novos procedimentos para a avaliação de restos antropológicos. Assim, a partir dos 252 dentes caninos de indivíduos adultos, o autor estima cerca de 63-64 pessoas como número aproximado, a cujo cômputo junta a existência de maxilares/mandíbulas de idosos, já com os molares gastos e os alvéolos dos caninos “obliterados”, e de não-adultos ainda em desenvolvimento, e conclui que “[...] *não será exagerado dizer que o numero dos individuos a quem pertenciam aquelles dentes não era inferior a oitenta.*” (*op. cit.*, p. 59). Face a tal conclusão, rematava, declarando: “[...] *é fácil comprehender que a inhumação de um tão crescido numero de individuos, não poderia ter-se realizado senão de um modo sucessivo, com intervallos de tempo mais ou menos longos, o que importaria frequentes remeximentos nas terras, para dar logar a novas inhumações, e nos quaes teriam sido revolvidos, quebrados, e misturados a maioria das peças osseas dos esqueletos que ali jaziam.*” (*op. cit.*, p. 59).

Estria: A anta da Estria (CNS-3001), da Cova da Estria (RIBEIRO, 1871-1875; SIMÕES, 1878), Estearia ou Esteria (vd. apontamentos de Carlos Ribeiro, publicados neste artigo, ANEXO 2), ou ainda Istria (FERREIRA, 1959, p. 215), é a terceira do conjunto de Belas e, tal como as anteriores, foi identificada por Carlos Ribeiro (Fig. 13). Segundo um pequeno apontamento, no único caderno de campo de Carlos Ribeiro que o aborda, e que um de nós (R.B.) localizou no Arquivo Histórico do Laboratório Nacional de Energia e Geologia, este sepulcro conheceu uma primeira intervenção entre Janeiro e Fevereiro de 1875 (RIBEIRO, 1871-1875). Em 26 de Janeiro, o autor refere este “*Dolmen no casal do Estrias, 200 m a O. do muro da Quinta do Marquez de Bellas, e situado n’uma depressão do solo* ou a descer [para] *uma baixa ou depressão que esta a S. da Idanha*”, referindo-se ainda ao local por “*Cova da Estria*” (RIBEIRO, 1871-1875). Aquela data é próxima de outra, constante em etiqueta colada em osso longo, indicando “*8/2/[18]75 Da propriedade do Sr. Abreu, cova da Estria*” (MG719.40).

Os documentos agora publicados sobre as folhas diárias dos trabalhos de escavação realizados neste monumento provam que os mesmos se prolongaram no Verão de 1878, sabendo-se mesmo os nomes dos intervenientes, pelo menos alguns deles (Scolla, Pedrozo), colectores da Secção dos Trabalhos Geológicos de Portugal (ANEXO 1).

C. Ribeiro valorizou desde logo as peculiares características de implantação deste sepulcro, “[...] *como que occulto n’uma prega ou dobra de terreno, deixando apenas ver á flôr do solo no acto da descoberta, os topes de algumas das suas pedras.*” (RIBEIRO, 1880, p. 62). Aliás, a própria denominação de “Estria” reflecte essa ideia de prega ou sulco no terreno, embora seja também utilizada designação “Estearia” e “Esteria” (ver ANEXO 2) (Fig. 14). Tal localização resultara, segundo o autor, da intenção de aproveitar uma estreita faixa de calcário alterado, em resultado da acção do filão “*porphiroide*” que se registava também junto à Pedra dos Mouros. Assim, a construção ajeitou e enterrou-se dentro daquela faixa, orientada es-nordeste / oes-sudoeste, com cerca de 2 a 5 metros de largura. Dada a sua implantação, desta anta não era possível observar os outros dois sepulcros do conjunto, apesar das distâncias de 400 m para Pedra dos Mouros, a nordeste, ou de 300 m para Monte Abraão, a sudeste.

Segundo C. Ribeiro, a anta apresentava um recinto com câmara e galeria, semelhante a Monte Abraão, ainda que mais cravado e encostado ao substrato rochoso. Na câmara indicava “*nove lages erguidas ao alto*” (Fig. 15). Apesar de remeter essa leitura para a planta, naquela apenas é possível verificar a existência de sete

esteios e dois pequenos blocos (o que perfazia os nove elementos construtivos indicados), embora refira mais adiante que completavam “[...] *o recinto ou câmara, outras lajes de menor porte cravadas no solo.*” (*op. cit.*, p. 63). Analisando o alçado em perspectiva (*op. cit.*, Fig. 65), notam-se os referidos sete esteios, juntamente com outros blocos do provável estreitamento da câmara para o corredor. Esta passagem era “[...] *delimitada por dois renques de pequenas lajes de calcareo cravadas de cutello no terreno, e paralelos entre si*”, por cerca de dez metros, mas não apresentou essa parte da estrutura em planta, ocorrendo o mesmo no esquiço do seu apontamento (RIBEIRO, 1871-1875; 1880, p. 63-64). A não representação da área do corredor poderá dever-se ao aspecto caótico dos blocos mas, também, porque os trabalhos naquele troço poderão não ter sido devidamente registados. Finalmente, apesar do autor ter detectado alguns grandes fragmentos de blocos, não encontrou nenhum que lhe parecesse, de facto, parte da cobertura do sepulcro.

Todos os blocos da anta eram, segundo Carlos Ribeiro, de calcário duro cinzento extraídos nas bancadas locais. Eram denominados pelos cabouqueiros como “*bancos reaes*”, e permitiam obter lajes de grandes dimensões “[...] *capazes de resistir a grandes cargas, e á acção destruidora do tempo, como as empregadas em pontões e em outras de caracter rustico que exigem segurança, duração e economia.*” (*op. cit.*, p. 63), sendo, pois, do mesmo tipo das lajes utilizadas nas antas de Pedra dos Mouros e Monte Abraão

Na câmara, foi possível verificar o típico imbricamento da maioria dos esteios a partir da cabeceira (A). Este esteio, com superfícies rugosas e alveolares, ainda que erodidas, foi ladeado por duas lajes (B e E) em



Fig. 13 – A anta da Estria, fotografada por G. e V. Leisner em 1933 ou 1944 (Arquivo Leisner, DGPC). Notar o estado de abandono e de entulhamento do monumento.



Fig. 14 – A anta da Estria, fotografada nos finais da década de 1950 / inícios da seguinte (Arquivo O. da Veiga Ferreira / J. L. Cardoso). Notar que os terrenos em volta se apresentam agricultados, contrastando com a situação observada na década anterior e que o monumento se encontra assinalado com uma placa de ferro, instalada pela Câmara Municipal de Sintra na década de 1950, sob a presidência do arqueólogo Prof. Joaquim Fontes.

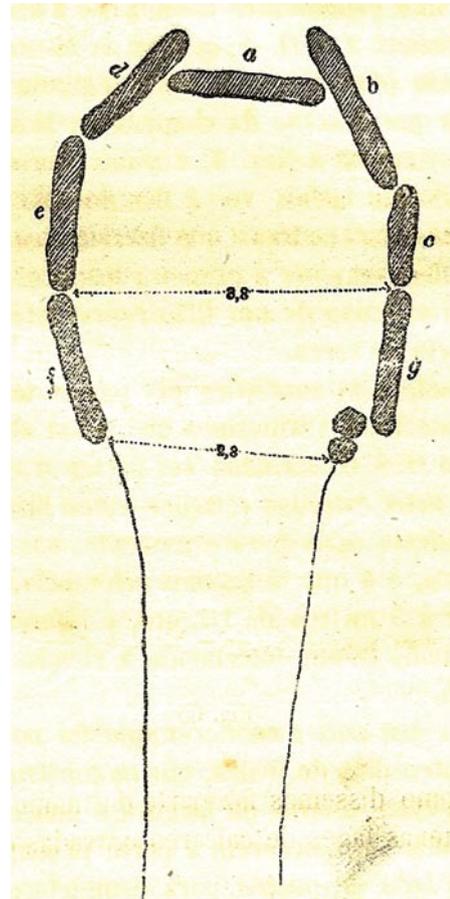
que as suas faces, com icnofósseis, foram dispostas para dentro do recinto (CARDOSO & BOAVENTURA, 2011, Fig. 7 B). Por sua vez, os esteios seguintes (C-D e F), também tiveram a mesma disposição emparelhada para o interior. Isto porque os esteios C e D aparentam ter constituído outrora um só bloco, entretanto quebrado, disposto de forma peculiar para melhor aguentar a pressão das terras da encosta, apoiando-se nos extremos exteriores de B e H. Finalmente, os esteios G e H apresentavam-se relativamente lisos sem os mencionados fósseis. À semelhança da situação em Monte Abraão, também aqui a disposição destes esteios, em que uma das faces estava completamente preenchida de icnofósseis entrelaçados, optando os construtores do megálito por uma disposição simétrica, poderá ter uma razão estética, ou mesmo mágico-religiosa.

Como é possível verificar, tanto Carlos Ribeiro (RIBEIRO, 1880, p. 63), como V. Leisner (LEISNER, 1965, Taf. 57), não registaram o esteio H, por se encontrar partido, sendo menos evidente que os restantes à data da escavação. Esta, por seu turno, não terá atingido o substrato rochoso em toda a área do recinto. Por outro lado, pelas imagens obtidas pelos Leisner na visita de 1944 (A. Leisner, Leis64), este sepulcro encontrava-se bastante entulhado (Fig. 13), pelo que é também compreensível a leitura então obtida, que se limitou ao levantamento do alçado visível, a nor-nordeste. Assim, a primeira imagem que foi possível consultar do esteio H resultou dos trabalhos de limpeza e salvaguarda realizados por iniciativa do IPPC, em 1986, por Teresa Marques.

A câmara da anta, com o esteio de cabeceira (A) com cerca de 2,75 m de altura (acima da solo) e 1,9 m de largura na base, teria cerca de 4 m de comprimento por cerca de 3,80 metros de largura máxima, prolongando-se o corredor por “uns 10 metros”, extensão hoje recriada, sem que se saiba, de facto, se foram detectados alvéolos ou outros vestígios passíveis de garantir tal passagem e alcance, porque, infelizmente dos trabalhos de reescavação, efectuados em 1995 por Ana Carvalho Dias do então IPPAR, ainda não foi apresentado relatório técnico ou publicação.

Apesar da dúvida latente quanto à caracterização da passagem da câmara para o corredor, bem como a geometria e comprimento deste, é possível no entanto concluir que este sepulcro apresentava uma câmara poligonal, com sete esteios, já referida por V. Leisner (LEISNER, 1965), pelo que a sua classificação como “galeria coberta” adiantada por O. V. Ferreira (1959) não parece confirmar-se, embora seja compreensível, dadas as dúvidas acima manifestadas e não cabalmente esclarecidas.

Algo notado pelo escavador da anta, e atribuído às circunstâncias da sua implantação, foi a orientação do monumento para poente. De facto, as leituras realizadas nos últimos anos apontam um rumo aproximado de 213° ou 212° (HOSKIN, 2001). Para além do condicionamento topográfico referido, também a inclinação do terreno obrigava àquela orientação, caso contrário o recinto sepulcral estaria sujeito à rápida entrada de sedimentos e colmatagem tornando-o inacessível. A opção por aquela orientação, fez com que o monumento se enterrasse paulatinamente na encosta, não se conhecendo dados acerca de uma eventual mamoa, embora se observem alguns blocos do que poderia ser um anel contraforte exterior.



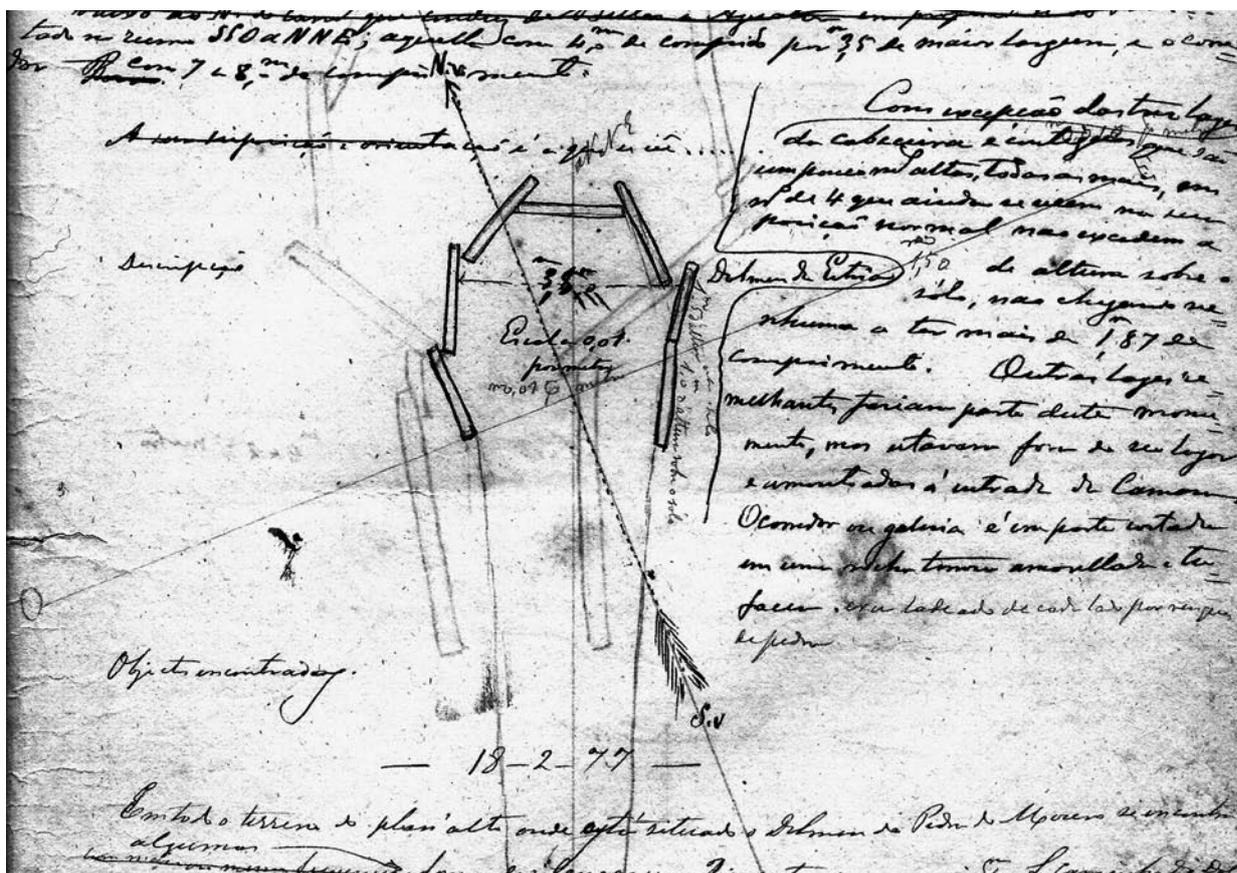


Fig. 15 – Planta da anta da Estria (seg. RIBEIRO, 1880, Fig. 64), na página da esquerda, e esboço da mesma inserido no original autógrafa de C. Ribeiro (ANEXO 2), nesta página.

Segundo C. Ribeiro o sepulcro já teria sido profanado. “Isto é já tinham sido remexidas as terras que estavam dentro d'elle, e despojadas de quasi todos os objectos d'archaeologia e restos humanos que com ellas se achavam.” (RIBEIRO, 1880, p. 64). Essa situação explicaria então o reduzido espólio recolhido.

Os restos osteológicos humanos, à semelhança do espólio restante, foram recolhidos no conteúdo revolto do sepulcro, em elevado estado de fragmentação, e sem qualquer indicação de localização. Segundo C. Ribeiro (1880, p. 67), eram essencialmente “fragmentos de ossos longos, do craneo, e dos maxillares”, registando-se inteiros apenas um úmero de indivíduo adulto e diversas falanges e, ainda, muitos dentes soltos. Durante o estudo dos ossos humanos foi possível localizar um úmero quebrado e colado (MG-719.39), posteriormente utilizado para datação.

Agualva: O sepulcro megalítico do Carrascal (CNS-4295), também conhecido por anta ou dólmen de Agualva (RIBEIRO, 1880), está classificado como Monumento Nacional (sob o nome Agualva) por Decreto de 16 de Junho de 1910 (*Diário do Governo*. n.º 163, de 23 de Junho de 1910). Para além do topónimo local “Carrascal”, é ainda conhecido por “Fonte das Eiras” (BOAVENTURA, 2009, p. 68).

A designação de “Carrascal”, utilizada por O. Veiga Ferreira (1959) e V. Leisner (1965), surgia associada ao material em depósito no Museu Geológico, pelo menos em 1944 (ALEISNER, Leis64), eventualmente desde a

sua recolha. Esta denominação permitiu também àqueles autores distinguir este sítio de Agualva, do *tholos* encontrado também naquela localidade, em 1951 (FERREIRA, 1953).

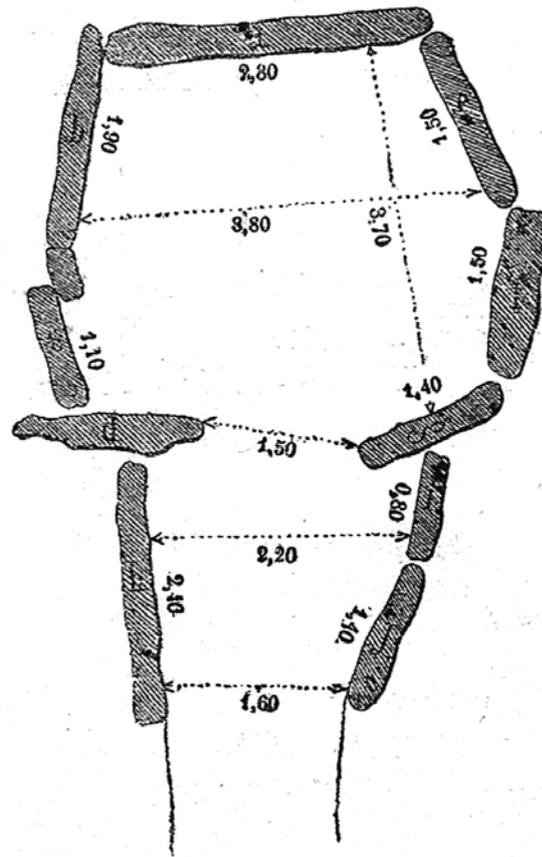
O monumento foi identificado durante os levantamentos geológicos conduzidos por C. Ribeiro, constando entre os sepulcros que o geólogo dá a conhecer na sua segunda notícia de estudos pré-históricos (RIBEIRO, 1880, p. 67-69), não muito distante do grupo de Belas.

No único caderno de campo de C. Ribeiro (1871-1875) que foi possível localizar no arquivo do LNEG, ainda que outros possam existir³, constam alguns apontamentos acerca da escavação desta anta, bem como a sua planta, com medições ligeiramente diferentes das publicadas (RIBEIRO, 1880, Fig. 66) (Fig. 16). Além de situar a intervenção, que terá ocorrido, pelo menos, em 28 de Fevereiro de 1875, a restante informação coincide com aquela disponibilizada na publicação posterior. Os elementos constantes do ANEXO 1, permitem situar a segunda e última etapa da intervenção no Verão de 1878, articulando-se a presença dos colectores no terreno com a escavação dos monumentos megalíticos anteriormente referidos.

Segundo C. Ribeiro (1880, p. 68) os construtores daquela anta buscaram “[...] *um solo brando atacável aos utensílios de pedra, para ali abrir não só a praça, mas os caboucos para o accommodamento e construcção*” deste monumento (Fig. 50, p. 3). De facto, apesar de se localizar em mancha de calcários e margas, do Albiano-Cenomaniano médio e inferior (ALMEIDA, coord., 1991), o sepulcro terá sido implantado, em pequena colina, numa zona alterada, próxima de filões de “*rocha feldspática eruptiva*”, provavelmente correspondendo a filões traquíticos não cartografados naquela área, mas sim na de implantação das já referidas antas de Pedra dos Mouros e Estria (RIBEIRO, 1880). Assim, de acordo com o próprio, para além da localização, aquela escolha subordinou também a sua orientação; no seu apontamento regista-se a orientação WNW-ESE, que coincide com a indicada na planta inserida no manuscrito adiante transcrito (ANEXO 2). Finalmente, indica que a extracção dos esteios teria sido efectuada nas bancadas calcárias imediatas.

Georg e Vera Leisner visitaram a anta a 5 de Janeiro de 1944. As fotos então tiradas, juntamente com a documentação, permitem observar os diversos afloramentos disponíveis em redor (Fig. 17).

Nessa altura, a maioria dos seus esteios apresentava-se relativamente preservada e *in situ* (BOAVENTURA, 2009, Fig. 50). Estes formavam uma câmara poligonal de 7 esteios, continuada por corredor baixo e curto, do qual faltavam já as duas lajes do lado norte, anteriormente desenhadas por C. Ribeiro (1880), mas mantendo-se



³A inventariação e catalogação do imenso espólio dos antigos Serviços Geológicos de Portugal são processos abertos.

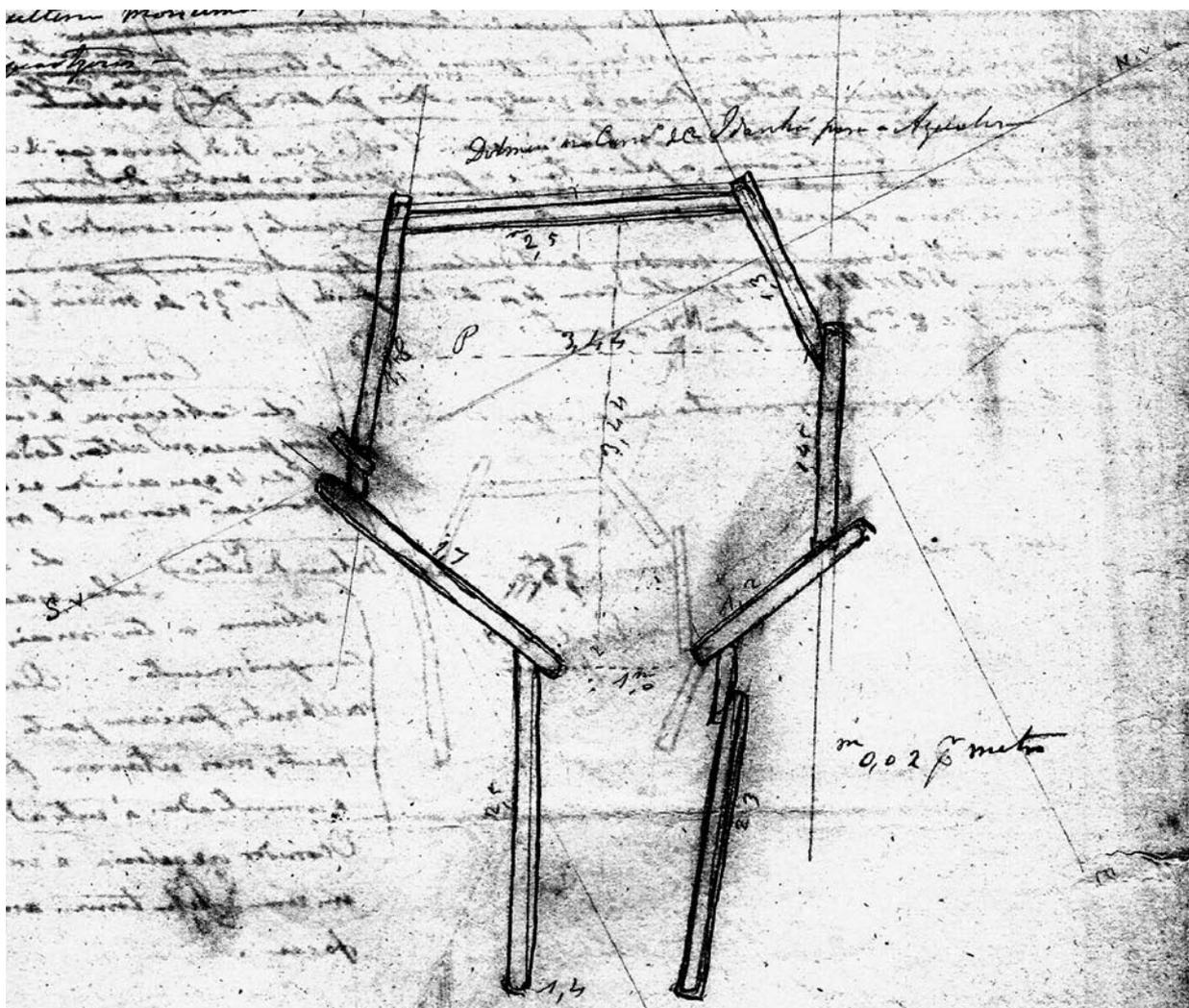


Fig. 16 – Planta da anta do Carrascal/Agualva (seg. RIBEIRO, 1880, Fig. 66), na página da esquerda, e esboço da planta da mesma inserido no original autógrafo de C. Ribeiro (ANEXO 2), nesta página.

a única do lado sul. As medições do sepulcro respeitantes às larguras de esteios e dimensões dos espaços da câmara e corredor, publicadas por C. Ribeiro (1880, p. 67) divergem das anotadas no seu caderno de campo (RIBEIRO, 1871-1875), e são igualmente distintas das anotadas no desenho que acompanha um dos documentos ora publicados (ANEXO 2); mais importante, a própria disposição dos esteios registada nesse esboço, é claramente distinta da versão impressa em 1880; tal poderá dever-se a uma última visita, em que o registo tenha sido efectuado com outros critérios, designadamente no respeitante ao número de esteios, contabilizando-se os fracturados como elementos independentes.

No caso das anotações do casal alemão, para além de separar os esteios *B* e *C*, aquelas medidas abrangem também a altura, espessura e inclinação dos esteios.

As medidas abaixo referidas baseiam-se nos apontamentos de G. e V. Leisner de 1944 (ALEISNER, Leis64), cruzadas com as publicadas – apenas na largura do esteio de cabeceira parece surgir uma divergência significativa, talvez devido a algum lapso.



Fig. 17 – A anta do Carrascal / Agualva, fotografada por G. e Vera Leisner em 1933 ou 1944 (Arquivo Leisner, DGPC).

Quadro 1 – Dimensões dos esteios do dólmen da Agualva/Carrascal

Esteio	C. Ribeiro, 1871-1875	C. Ribeiro, 1880	Leisner, 1965 L × A × E
A	2,5	2,8	2,35/2,80 × 1,8 × 0,2
B	(B + C) 1,8	1,9	1,80 × 1,8 × 0,26
C	–	1,1	1,30 × 1,3 × 0,36
D	1,7	?	1,70 × 1,9 × 0,34
E	1,3	1,5	1,30 × 1,3 × 0,26
F	1,45	1,5	1,43 × 2,2 × 3,20
G	1,2	1,4	0,90 × 1,3 × 0,24
H	2,5	2,1	2,4 × 1,05 × –
I	(I+J) 2,3	0,8	–
J	–	1,4	–
Diâmetro câmara	3,44	3,80 / 3,70	3,5
Comprimento corredor	[2,5 / 2,3]	[2,5 / 2,2]	[2,4]
Largura corredor	1 / 1,42	1,5/2,2/1,6	–
Medições em metros			

Perante os diversos registos verifica-se uma consonância genérica das dimensões, condizente com o cariz megalítico da estrutura. No alçado de G. e V. Leisner (LEISNER, 1965, Taf. 57: 2), foi assumida a existência de uma colina tumular significativa, sem contudo ter sido realizada qualquer intervenção no sentido de a identificar (BOAVENTURA, 2009, Fig. 52, 1). Aliás, a observação actual do terreno contradiz tal leitura, dada a existência de afloramentos a cotas aproximadas às dos esteios.

O sepulcro apresenta-se bastante enterrado, emergindo os topos dos seus esteios, pelo lado exterior, apenas cerca de meio metro de altura acima do solo envolvente. Esta realidade evidencia a justeza da observação de Carlos Ribeiro quanto à escavação do substrato geológico para a construção do monumento. O seu interior, escavado por C. Ribeiro, encontra-se hoje “vazio”, contribuindo para a inclinação cada vez mais acentuada dos ortóstatos. Os resultados da sua exploração foram parcos, pois a anta teria já sido explorada anteriormente, tendo os seus visitantes despojado “[...] a câmara e galeria dos objectos d'arte que ali deveria haver, de modo que só [achou] alguns raros fragmentos de sílex e de vasos de barro, dentes e fragmentos de pequenos ossos humanos.” (RIBEIRO, 1880, p. 69). Após aquela acção, os anteriores visitantes teriam repostos a terra quase até quase ao topo do sepulcro. Durante a sua escavação C. Ribeiro registou ainda três grandes blocos, que poderiam, na sua opinião, ser fragmentos do chapéu.

A presunção de uma escavação anterior, ainda que plausível, não explica totalmente o limitado espólio exumado (BOAVENTURA, 2009, Fig. 52). Sobretudo quando o recinto se encontrava preenchido com terras, quase cobrindo-o (é improvável que alguém, no passado, se desse ao trabalho de reposição de terras). Assim, também se deve considerar que aquele sepulcro teria apenas um espólio arcaico, normalmente menos abundante e variado, comparativamente a outros mais recentes, que C. Ribeiro (1880) exumou, por exemplo, na Estria e no Monte Abraão.

Não se conhece a localização do parco espólio exumando dentro do sepulcro, existindo apenas um artefacto, um braçal de arqueiro, que parece ter sido recolhido “na galeria”, segundo a marcação da peça (MG295.28). Daqueles referidos pelo geólogo apenas se localizaram os líticos e os osteológicos. Os fragmentos cerâmicos não foram detectados. Mas tal situação parece que já se verificava em 1 de Maio de 1944, quando se procedeu ao desenho dos materiais (ALEISNER, 1964), pois não consta qualquer referência a esse material (BOAVENTURA, 2009, p. 72-73). O espólio resume-se a algumas pequenas lâminas, pouco retocadas, normalmente de forma descontínua, dois geométricos trapézios e um fragmento de lâmina espessa bem retocada. Seria ainda importante perceber que fragmentos cerâmicos foram recolhidos por C. Ribeiro, pois talvez o braçal de arqueiro, da “galeria”, possa denunciar a presença de alguma cerâmica campaniforme, que infelizmente se perdeu.

Assim, perante as características dos materiais, à semelhança de outras antas estudadas, a anta da Aqualva, ou do Carrascal, terá sido utilizada entre meados e os dois últimos quartéis do 4.º milénio a.C. As duas datações absolutas (BOAVENTURA, 2009, Anexo 3, Quadro 2), obtidas sobre dois fémures, um esquerdo (MG538.04.06) e outro direito (MG538.04.7-8), ainda que, pelas suas características, de indivíduos diferentes, permitiram assegurar essa antiguidade, inclusive localizando-a essencialmente no terceiro quartel do 4.º milénio a.C. Os intervalos obtidos foram, respectivamente, os seguintes: (Beta-225167) 3620-3350 cal BC (com 94,2% de probabilidade restringe-se a 3530-3350 cal BC) e a outra (Beta-228577) 3650-3350 cal BC.

Finalmente, em momento posterior, talvez já da segunda metade do 3.º milénio a.C. terá sido realizado, pelo menos, uma tumulação no corredor.

Deste modo, a anta do Carrascal parece ter sido implantada em momento anterior à erecção dos restantes monumentos estudados, que integram a necrópole de Belas.

Importa, a terminar, sublinhar a importância científica dos espólios recuperados neste conjunto de sepulcros, especialmente os recolhidos nos dólmenes da Estria e do Monte Abraão, que conduziram a judiciosas considerações de Carlos Ribeiro, servidas por ilustrações primorosas da autoria de Luís Couceiro, funcionário da Secção Geológica, cuja qualidade ficou, nalguns casos, muito prejudicada pelo tipo de reprodução.

5 – NOTAS FINAIS

O estudo e caracterização detalhados dos sepulcros megalíticos da região de Belas, permitiu a Carlos Ribeiro o estabelecimento de relações crono-culturais entre eles.

Com base nos artefactos e, sobretudo, em características osteológicas, propôs uma anterioridade das antas de Belas às grutas artificiais de Palmela, dada a ausência de metais nas primeiras (RIBEIRO, 1879, p. 896). Apesar disso, reconhecia que a indústria artefactual, nomeadamente de pedra lascada, era similar em ambos os casos, e relacionável com outras realidades europeias.

Os factos de observação de Carlos Ribeiro, aquando das escavações a que procedeu nos monumentos megalíticos da região de Belas, dos quais os mais relevantes foram agora apresentados e reapreciados, evidenciam a qualidade das observações e da capacidade de descrição deste pioneiro da Geologia e da Arqueologia Pré-histórica para o conhecimento das práticas funerárias neolíticas/calcolíticas em apreço.

Ainda que produzidos na última fase de vida, pois a monografia, datada de 1880, foi escrita seguramente no decurso do ano anterior, findos os trabalhos de campo em Setembro de 1878, antecedendo assim de apenas dois anos o falecimento do seu autor, com 69 anos, os elementos recolhidos, reflectem o rigor científico que este geólogo-arqueólogo aplicava a qualquer estudo que levasse a cabo. Com efeito, foi capaz de conciliar os dados empíricos recolhidos em campo, de múltiplas origens e natureza, com as discussões teóricas então prementes acerca dessas realidades, para as quais se encontrava duplamente habilitado, tanto pela sua formação científica, como pelas obras a que recorreu para a sua interpretação, à luz dos conhecimentos da época.

AGRADECIMENTOS

Aos Drs. Fernando Real, Paulo Oliveira e Fernanda Torquato, pela autorização do acesso concedida a um de nós (R.B.) ao Arquivo Leisner, actualmente sob a égide da Direcção Geral do Património Cultural.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, F. M., coord. (1991) – *Carta Geológica de Portugal, Folha 34-A, Sintra*. Lisboa: Serviços Geológicos de Portugal.
- ANTUNES, M. T. (1987) – Sobre a História da Paleontologia em Portugal. In: *História e desenvolvimento da Ciência em Portugal*. Lisboa: Academia das Ciências de Lisboa. 2, p. 773-814.
- ANTUNES, M. T. (1989) – Sobre a História do Ensino da Geologia em Portugal. *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*. Lisboa. 75, p. 127-160.
- BARBOSA, I. V. (1862) – Fragmentos de um roteiro de Lisboa (inédito). *Antiguidades. Arquivo Pitoresco*. Lisboa. 5, p. 317-318.

- BENSAÚDE, A. (1884) – Note sur la nature minéralogique de quelques instruments de pierre trouvés en Portugal. *Congrès Internationale d'Anthropologie et d'Archéologie Préhistoriques (Lisbonne, 1880). Compte-Rendu de la neuvième session*. Lisbonne: Typographie de l'Académie Royale des Sciences, p. 682-697.
- BENSAÚDE, A. (1889) – Notice sur quelques objets préhistoriques du Portugal fabriqués en cuivre. *Comunicações da Comissão dos Trabalhos Geológicos de Portugal*. Lisboa. 2, p. 119-124.
- BICHO, N. & CARDOSO, J. L. (2010) – Paleolithic occupations and lithic assemblages from Furninha cave, Peniche (Portugal). *Zephyrus*. Salamanca. 66, p. 17-37.
- BOAVENTURA, R.; FERREIRA, M. T. & SILVA, A. M. (2013) – Perscrutando espólios antigos: a anta de Sobreira 1 (Elvas). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: DGPC. 16, p. 63-79.
- BOAVENTURA, R.; FERREIRA, M. T. & SILVA, A. M. (2014) – Perscrutando espólios antigos–2: um caso de reutilização funerária medieval na anta de São Gens 1 (Nisa, Norte alentejano). *Almadan-online*. 2.^a série, 19: 1, p. 60-76.
- BOAVENTURA, R. (2009) – *As antas e o megalitismo da região de Lisboa*. Tese de Doutoramento em Pré-História. Lisboa: Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa.
- CARDOSO, J. L. & BOAVENTURA, R. (2011) – The megalithic tombs in the region of Belas (Sintra, Portugal) and their aesthetic manifestations. *Trabajos de Prehistoria*. Madrid. 68 (2), p. 297-312.
- CARDOSO, J. L. & CARVALHO, A. F. (2010-2011) – A gruta da Furninha (Peniche): estudo dos espólios das necrópoles neolíticas. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 18, p. 333-392.
- CARDOSO, J. L. & ROLÃO, J. M. (1999/2000) – Prospecções e escavações nos concheiros mesolíticos de Muge e de Magos (Salvaterra de Magos): contribuição para a história dos trabalhos arqueológicos efectuados. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 8, p. 83-240.
- CARDOSO, J. L. (1993) – *Contribuição para o conhecimento dos grandes mamíferos do Plistocénico Superior de Portugal*. Tese de doutoramento em Geologia (Estratigrafia e Paleobiologia) apresentada à Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Nova de Lisboa. Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras.
- CARDOSO, J. L. (1999-2000) – As investigações de Carlos Ribeiro e de Nery Delgado, sobre o *Homem do Terciário*: resultados na época e para além dela. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 8, p. 33-54.
- CARDOSO, J. L. (2002) – *Pré-História de Portugal*. Lisboa: Verbo.
- CARDOSO, J. L. (2007) – *Pré-História de Portugal*. Lisboa: Universidade Aberta.
- CARDOSO, J. L. (2008) – Joaquim Filipe Nery Delgado, arqueólogo. In: *Nery Delgado (1835-1908), Geólogo do Reino*. Lisboa: Museu Geológico, p. 65-81.
- CARDOSO, J. L. (2013 a) – Carlos Ribeiro, a “Breve noticia acerca do terreno quaternário de Portugal”, e a questão do Homem terciário em Portugal. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 20, p. 27-88.
- CARDOSO, J. L. (2013 b) – Carlos Ribeiro e o reconhecimento do *solo quaternário* do vale do Tejo: enquadramento geológico dos concheiros mesolíticos das ribeiras de Magos e de Muge. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 20, p. 89-100.
- CARDOSO, J. L. (2013 c) – Carlos Ribeiro e Oeiras. Razões de uma homenagem. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 20, p. 11-20.

- CARDOSO, J. L.; LEITÃO, M.; NORTON, J.; FERREIRA, O. V. & NORTH, C. T. (1995) – O santuário calcolítico da gruta do Correio-Mor (Loures). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 5, p. 97-121.
- CARNEIRO, A. (2001) – The Travels of Nery Delgado (1835-1908) in the context of the Portuguese Geological Survey. *Comunicações do Instituto Geológico e Mineiro*. Lisboa, 99, p. 277-292.
- CARNEIRO, A. (2005) – Outside Government Science, “Not a Single Tiny Bone to Cheer Us Up!” The Geological Survey of Portugal (1857-1908): The Involvement of Common Men, and the Reaction of Civil Society to Geological Research. *Annals of Science*. 62, p. 141-204.
- CARNEIRO, A.; MOTA, T. S. & LEITÃO, V. (2013) – *O chão que pisamos. A Geologia ao serviço do Estado (1848-1974)*. Lisboa: Edições Colibri.
- CARREIRA, J. R.; CARDOSO, J. L. (1992) – Escavações de Nery Delgado no planalto da Cesareda nas grutas da Lapa Furada e da Malgasta (Peniche): estudo do espólio arqueológico. *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*. 78 (2), p. 145-173.
- CARREIRA, J. R. & CARDOSO, J. L. (1996) – Um conjunto de litografias arqueológicas inéditas da Comissão Geológica de Portugal. *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*. 82, p. 145-168.
- CARREIRA, J. R. & CARDOSO, J. L. (2001-2002) – A gruta da Casa da Moura (Cesareda, Óbidos) e a sua ocupação pós-paleolítica. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 10, p. 249-362.
- CARTAILHAC, E. (1880) – *Congrès International d'Anthropologie et d'Archéologie Préhistorique: rapport sur la session de Lisbonne*. Paris: Eugène Boban.
- CARTAILHAC, E. (1886) – *Les âges préhistoriques de l'Espagne et du Portugal*. Paris: C. Reinwald.
- COSTA, F. P. (1865) – *Da existência do homem em épocas remotas no valle do Tejo: notícia sobre os esqueletos humanos descobertos no Cabeço da Arruda*. Lisboa: Imprensa Nacional.
- COSTA, F. P. (1868 a) – Monuments mégalithiques du Portugal. In *Congrès International d'Anthropologie et d'Archéologie Préhistoriques. Deuxième Session (Paris, 1867)*. Paris: C. Reinwald, p. 180-185.
- COSTA, F. P. (1868 b) – *Descrição de alguns dolmens ou antas de Portugal*. Lisboa: Typographia da Academia Real das Sciencias de Lisboa.
- DELGADO, J. F. N. (1889) – Reconhecimento científico dos jazigos de mármore e de alabastro de Santo Adrião e das grutas compreendidas nos mesmos jazigos. *Comunicações da Comissão dos Trabalhos Geológicos de Portugal*. Lisboa, 2, p. 45-56.
- DELGADO, J. F. N. (1867) – *Da existência do Homem no nosso solo em tempos mui remotos provada pelos estudos das cavernas. Primeiro opúsculo: notícia acerca das grutas da Cesareda*. Lisboa: Comissão Geológica de Portugal.
- DELGADO, J. F. N. (1880) – Les grottes de Peniche et Casa da Moura, Portugal. Station et sépulture néolithique. *Materiaux pour L'Histoire Primitive et Naturel de l'Homme*. 2.^a série, 11 Juin, p. 241-247.
- DELGADO, J. F. N. (1884) – La grotte de Furninha a Peniche. In *Congrès International d'Anthropologie et d'Archéologie Préhistoriques. Compte-Rendu de la IX Session (Lisboa, 1880)*. Lisboa, p. 207-278.
- DELGADO, J. F. N. (1900-1901) – Notice sur les grottes de Carvalhal d'Aljubarrota (Portugal). *Comunicações da Direcção dos Serviços Geológicos de Portugal*. 4, p. 165-168.

- DELGADO, J. F. N. (1905) – Elogio historico do General Carlos Ribeiro. *Revista de Obras Publicas e Minas*. Lisboa, 36, p. 1-51.
- DINIZ, M. & GONÇALVES, V. S. (1993-94) – Na 2.^a metade do século XIX: luzes e sombras sobre a institucionalização da Arqueologia em Portugal. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. 11-12, 4.^a série, p. 175-187.
- FERREIRA, O. V. (1953) – O monumento pré-histórico de Agualva (Cacém). *Zephyrus*. Salamanca. 4, p. 145-166.
- FERREIRA, O. V. (1959) – Inventário dos monumentos megalíticos dos arredores de Lisboa. *Actas e Memórias do 1.º Congresso Nacional de Arqueologia (Lisboa, 1958)*. Lisboa: Instituto de Alta Cultura. 1, p. 215-233.
- GONÇALVES, V. S. (2008) – *A utilização pré-histórica da gruta de Porto Covo (Cascais): Uma revisão e algumas novidades*. Cascais: Câmara Municipal de Cascais.
- GONÇALVES, V. S. (2009) – As ocupações pré-históricas das Furnas do Poço Velho (Cascais). Cascais: Câmara Municipal de Cascais.
- HOSKIN, M. (2011) – *Tombs, temples and their orientations: a new perspective on Mediterranean Prehistory*. Oxford: Ocarina Books.
- LEISNER, V. (1965) – *Die Megalithgräber der Iberischen Halbinsel. Der Westen*. Berlin: Walter de Gruyter & Co. Text and Tafeln. (Madriider Forschungen 1.3).
- LEITÃO, V. (2004) – *Assentar a primeira pedra: As primeiras Comissões Geológicas portuguesas (1848-1868)*. Tese de Doutoramento apresentada à Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Nova de Lisboa. Policopiado.
- MORTILLET, M. G. (1868) – Objets préhistoriques de Portugal. In: *Congrès International d'Anthropologie et d'Archéologie Préhistoriques. Deuxième Session (Paris, 1867)*. Paris: C. Reinwald, p. 31-33.
- NETO, M. C. (1976-1977) – Notícias inéditas sobre dolmens em Portugal. *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. 2-3, p. 99-107.
- NOGUEIRA, A. M. (1931) – Estação prehistórica de Olelas. Elementos para o seu estudo. *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*. Lisboa. 17, p. 105-124.
- OLIVEIRA, F. P. (1884) – Notes sur les ossements humains qui se trouvent dans le Musée de la Section Géologique de Lisbonne. *Congrès Internationale d'Anthropologie et d'Archéologie Préhistoriques (Lisbonne, 1880)*. *Compte-Rendu de la neuvième session*. Lisbonne: Typographie de l'Académie Royale des Sciences, p. 291-305.
- RIBEIRO, C. (1867) – Note sur le terrain quaternaire du Portugal. *Bulletin de la Société Géologique de France*. Paris. Série II, 24, p. 692-717.
- RIBEIRO, C. (1871) – *Descrição de alguns sílex e quartzites lascados encontrados em camadas dos terrenos terciário e quaternário das bacias do Tejo e Sado*. Memória apresentada à Academia Real das Sciencias de Lisboa. Lisboa: Typographia da Academia.
- RIBEIRO, C. (1871-1875) – *[Caderno de Campo] 22-VI a 10-VIII-1871 [até] Jan. e Fev. 1875*. [Sem código]. Arquivo Histórico, Geológico e Mineiro do Laboratório Nacional de Energia e Geologia.
- RIBEIRO, C. (1873) – Sur la position géologique des couches miocènes et pliocènes du Portugal, qui contiennent des sílex taillés. In: *Congrès International d'Anthropologie et d'Archéologie Pré-historique. Compte-Rendu de la 6.ème Session (Bruxelles, 1872)*. Bruxelles: C. Muquardt Ed., p. 95-100.

- RIBEIRO, C. (1878 a) – Dolmens et grottes sépulcrales du Portugal. *Matériaux pour L'Histoire Primitive et Naturelle de L'Homme*. Paris, Série II, 9, p. 446-447.
- RIBEIRO, C. (1878 b) – *Notícia da estação humana de Licêa*. Memoria apresentada à Academia Real das Sciencias de Lisboa. Lisboa: Typographia da Academia. Reedição de 1991 – *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras: Câmara Municipal, 1. Notas e comentários de J. L. Cardoso.
- RIBEIRO, C. (1879) – Quelques mots sur l'Age de la Pierre en Portugal. In: Association Française pour l'Avancement des Sciences. *7eme Congrès. Session de Paris. Section d'Anthropologie*. Paris, p. 894-898.
- RIBEIRO, C. (1880) – *Monumentos megalithicos das visinhanças de Bellas*. Memoria apresentada à Academia Real das Sciencias de Lisboa. Lisboa: Typographia da Academia.
- SANTOS, M. F. (1980) – Estudos de Pré-História em Portugal de 1850 a 1880. *Anais da Academia Portuguesa da História*. Lisboa. Série II, 26 (2), p. 253-297.
- SIMÕES, A. F. (1878) – *Introdução á Archaeologia da Península Ibérica: Parte Primeira, Antiguidades Prehistoricas*. Lisboa: Livraria Ferreira.
- SPINDLER, K.; CASTELLO-BRANCO, A.; ZBYSZEWSKI, G. & FERREIRA, O. V. (1973-1974) – Le monument à coupole de l'Âge du Bronze Final de la Roça do Casal do Meio (Calhariz). *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*. Lisboa. 57, p. 91-153.
- ZILHÃO, J. (1993) – As origens da Arqueologia Paleolítica em Portugal e a obra metodologicamente precursora de J.F. Nery Delgado. *Arqueologia e História*. Lisboa. Série X, 3, p. 111-125.

ANEXO 1

Folhas diarias e semanaes. Anno de 1878. Mont'Abrão Estearia Agoalva

Conjunto de 3 folhas pautadas manuscritas de um só lado (220 × 315 mm)

(Figs. 18 e 19)

Os quadros semanais dos trabalhos de campo realizados pelos colectores da Secção dos Trabalhos Geológicos mobilizados para as explorações dos dólmenes da região de Belas, e que se conservam conjuntamente com a documentação apresentada no ANEXO 1, mostra que a última fase das explorações nos referidos monumentos se realizou em pleno Verão de 1878, depois das intervenções de 1877, iniciando-se em meados de Julho pelo monumento da Estria, prosseguindo depois pelo de Monte Abraão e de Agoalva; de novo no da Estria e, seguidamente, em Monte Abraão, os colectores voltaram ainda, para uma última etapa de trabalho, ao dolmen da Agoalva, e, por fim ao de Monte Abraão, onde terminaram a etapa da exploração dos monumentos megalíticos dos arredores de Belas, antes de passarem, em meados de Setembro, à exploração das diversas grutas naturais da região de Olelas.

A intensidade dos trabalhos efectuados pela Secção dos Trabalhos Geológicos em monumentos pré-históricos dos arredores de Lisboa, a partir de meados do ano de 1878, sucedidos pelas explorações realizadas entre finais de Janeiro e finais de Fevereiro de 1879 na gruta de Porto Covo (Cascais) (GONÇALVES, 2008), mas prosseguidos, ainda que intermitentemente, até pelo menos o mês de Março (CARDOSO, 2013 b, p. 16), tiveram continuidade, entre Março e Maio de 1879, nas escavações das furnas do Poço Velho (Cascais), atendendo às datas das etiquetas apostas nas respectivas peças (entre 26 de Março de 1879 e 15 de Maio de 1879), datas que correspondem, como no caso das peças dos monumentos de Belas, àquelas em que as peças respectivas foram exumadas do terreno e não às datas do dia em que foram inventariadas.

Tais explorações desenvolveram-se, na sua última fase, em paralelo com as realizadas na gruta da Ponte da Laje, do vizinho concelho de Oeiras, cujas peças ostentam as datas de 9, 28 e 30 de Maio de 1879 (CARDOSO, 2013 b).

Deste modo, entre a referência contida no manuscrito de se terem reiniciado as explorações no dólmen de Monte Abraão em Maio de 1877, até à finalização das escavações na gruta da Ponte da Lage, cerca de dois anos depois, perfizeram-se cerca de dois anos de trabalhos de campo quase ininterruptos, o que revestiu assinaláveis esforços humanos, logísticos e financeiros. Tal evidência explica-se pelo facto de, a partir de meados de 1878 existir a possibilidade de o Congresso Internacional de 1880 se realizasse em Lisboa, pelo que haveria que redobrar os esforços nos trabalhos de campo para que fosse possível mostrar ao congressistas o maior número de resultados produzidos pelos próprios elementos organizadores do Congresso, no que à Arqueologia Pré-Histórica dizia respeito. Esta realidade explica a difusão de trabalhos por elevado número de estações arqueológicas ou paleontológicas, especialmente grutas do Maciço Calcário estremenho, mas também de outras regiões, como a de Mealhada, entre finais de 1879 e meados de 1880 (CARDOSO, 1993, p. 43).

Para além dos dólmenes da Estria, Monte Abraão e Agoalva, e antes de os trabalhos prosseguirem para as grutas de Olelas, os quadros a seguir transcritos evidenciam ainda a exploração de um outro monumento, designado por “Canéças”. Trata-se provavelmente de um dólmen, cuja planta e espólios foram desenhados e publicados (LEISNER, 1965, Taf. 53, 3), encontrando-se estes no Museu Geológico.

1.ª Semana Comêço a 16/7/78.**Dolmen da Estearia 16 de Julho de 1878.**

Nomes	Dias						
	7	1	2	3	4	5	6
Joaquim Scolla	x	x	x	x	x	x	x
João Pereira				x	x	x	x
José Bento				x	x	x	x
Manoel Caneças				x	x	x	x

Semana finda Sabbado 20 de Julho 78.

2.ª Estearia

Joaquim Scolla	x	x	x	x	x	x	x
José Bento	x	x	x	x	x	x	x
Manoel Caneças	x	x	x	x	x	x	x
Miguel Pedrozo							x

Semana finda Sabbado 27 de Julho de 78.

Mont'abrão

3.ª Estearia / Mont'abrão

Joaquim Scolla	x	x	x	x	x	x	x
Miguel Pedrozo	x	x	x	x	x	x	x
João Pereira	x	x	x	x	x	x	x
José Bento	x	x	x	x	x	x	x
Manoel Canéças	x						

Semana finda Sabbado 3 de Agosto de 78

4.ª Dolmen do Mont'abrão

Joaquim Scolla	x	x	x	x	x	x	x
Miguel Pedrozo	x	x	x	x	x	x	x
João Pereira	x	x	x	x	x	x	x
José Bento	x	x	x	x	x	x	x

Semana finda Sabbado 10 de Agosto de 78.

5.ª Mont'abrão / Algoalva

Joaquim Scolla	x	x	x	x	x	x	x
Miguel Pedrozo	x	x	x	x	x	x	x
João Pereira	x	x	x	x	x	x	x
José Bento	x	x	x	x	x	x	x

Semana finda Sabbado 17 de Agosto de 78.

6.ª Algoalva / Canéças

Joaquim Scolla	x	x	x	x	x	x	x
Miguel Pedrozo	x	x	x	x	x	x	x
João Pereira	x	x	x	x	x	x	x
José Bento	x	x	x	x	x	x	x

Semana finda Sabbado 24 de Agosto de 78.

7.ª Canéças / Senhora da Serra / Mont'abrão

Joaquim Scolla	x	x	x	x	x	x	x
Miguel Pedrozo	x	x	x	x	x	x	x
João Pereira	x	x	x	x	x	x	x
José Bento	x	0	0	0	0	0	0

Semana finda Sabbado 31 de Agosto de 78.

8.ª Mont'abrão

Joaquim Scolla	x	x	x	x	x	x	x
Miguel Pedrozo	x	x	x	x	x	x	x
João Pereira	x	x	x	x	x	x	x

Semana finda Sabbado 7 de Setembro de 78.

9.ª Mont'abrão / Ollela

Joaquim Scolla	x	x	x	x	x	x	x
Miguel Pedrozo	x	x	x	x	x	x	x
João Pereira	x	x	x	x	x	x	x

Semana finda Sabbado 14 de Setembro de 78.

1ª Semana		Comêço a 16/7/78.					
		Dolmen da Estearia 16 de Julho de 1878.					
		Dias.					
		4	5	6	7	8	9
Nomes.							
João ^m Scolla		/	/	/	/	/	/
João Pereira		/	/	/	/	/	/
José Bento		/	/	/	/	/	/
Manoel Canicas		/	/	/	/	/	/
Semana finda Sábado 23 de Julho de 78							
2ª		Estearia					
João ^m Scolla		/	/	/	/	/	/
João Pereira		/	/	/	/	/	/
José - Bento		/	/	/	/	/	/
Miguel Pedrozo		/	/	/	/	/	/
							Mont'abrá
Semana finda Sábado 29 de Julho de 78							
3ª		Estearia	Mont'abrá				
João ^m Scolla		/	/	/	/	/	/
Miguel Pedrozo		/	/	/	/	/	/
João Pereira		/	/	/	/	/	/
José - Bento		/	/	/	/	/	/
Miguel Canicas		/	/	/	/	/	/
Semana finda Sábado 3 de Agosto de 78							
4ª		Dolmen da Mont'abrá					
João ^m Scolla		/	/	/	/	/	/
Miguel Pedrozo		/	/	/	/	/	/
João - Pereira		/	/	/	/	/	/
José - Bento		/	/	/	/	/	/
Semana finda Sábado 10 de Agosto de 78							

Fig. 18 - Folhas diárias e semanais das escavações das antas da região de Belas em 1879 (ANEXO 1).

5 ^a		Monte Alvala						
		4	5	6	7	8	9	
Jaag ^m	Scolla	/	/	/	/	/	/	Semana finda Sábado 14 de Agosto 1879
Miguel	Pedroso	/	/	/	/	/	/	
José	Perreira	/	/	/	/	/	/	
José	Monte	/	/	/	/	/	/	
6 ^a		(Alvala Carnicaria)						
Jaag ^m	Scolla	/	/	/	/	/	/	Semana finda Sábado 24 de Agosto 1879
Miguel	Pedroso	/	/	/	/	/	/	
José	Perreira	/	/	/	/	/	/	
José	Monte	/	/	/	/	/	/	
7 ^a		(Carnicaria)		Sem da semana		Monte Alvala		
Jaag ^m	Scolla	/	" "	/	/	/	/	Semana finda Sábado 31 de Agosto 1879
Miguel	Pedroso	/	" "	/	/	/	/	
José	Perreira	/	" "	/	/	/	/	
José	Monte	/	/	/	/	/	/	
8 ^a		Monte Alvala						
Jaag ^m	Scolla	/	/	/	/	/	/	Semana finda Sábado 7 de Setembro 1879
Miguel	Pedroso	/	/	/	/	/	/	
José	Perreira	/	/	/	/	/	/	
9 ^a		Monte Alvala						
Jaag ^m	Scolla	/	/	/	/	/	/	Semana finda Sábado 14 de Setembro 1879
Miguel	Pedroso	/	/	/	/	/	/	
José	Perreira	/	/	/	/	/	/	

Fig. 19 - Folhas diárias e semanais das escavações das antas da região de Belas em 1879 (ANEXO 1).

ANEXO 2

Apontamentos de Carlos Ribeiro efectuados no decurso das escavações dos monumentos das cercanias de Belas, antecedentes da redacção da memória apresentada à Academia Real das Ciências de Lisboa

A reprodução na íntegra destes apontamentos, inscritos em dois cadernos de folhas brancas de 215 × 320 mm, integralmente escritos por Carlos Ribeiro, a que se soma uma folha solta em papel azul pautado com as mesmas dimensões, da fábrica de Tomar, explica-se por corresponderem a versões preliminares do trabalho impresso nas *Memórias da Academia Real das Ciências* em 1880. Nalguns casos nem isso, pois assumem a forma de meros apontamentos efectuados nos próprios dias das respectivas observações, realizadas no decurso das escavações, por vezes interpolados com notas de leituras de artigos científicos, que bem evidenciam, o esforço desenvolvido para a adequada interpretação dos resultados da escavação.

Evidencia-se que, em parte, os dois cadernos tratam dos mesmos assuntos, embora de formas distintas, de tal forma que os conteúdos de um completem os do outro, sem que seja evidente qual foi o que primeiramente se redigiu.

Estes apontamentos possuem, outrossim, o interesse de evidenciar as dúvidas com que o autor se foi deparando e os progressos que foi conseguindo, ilustrando o modo como se ia fazendo a construção do conhecimento, até à fixação final no texto impresso.

Relevantes são as observações sobre a anterioridade das deposições funerárias face à construção do monumento megalítico de Monte Abraão: não sendo hoje aceitável tal hipótese, nem por isso deixam de ser relevantes os critérios invocados por Carlos Ribeiro nesse sentido.

Importante é, igualmente, a discussão dos rituais funerários, face à identificação, naquele monumento, de leitões de seixos de diversa natureza e composição petrográfica, cujo carácter intencional é discutido. Trata-se de matéria que não passou ao olhar do geólogo, valorizando todos os indícios que se lhe ofereciam, filtrados pelos de observação e pela experiência acumulada em muitos anos de trabalhos de campo. Enfim, é de sublinhar, a tal propósito, o cuidado dispensado à caracterização do modo de construção dos monumentos dolméticos em causa, desde a escolha dos locais em que os mesmos foram erigidos, ditada por condicionantes geológicas relacionadas com a escavabilidade do substrato rochoso, até à técnica construtiva, que é particularmente discutida no dólmen de Monte Abraão, onde teve a oportunidade de verificar a forma como se efectuou a fundação, no substrato geológico, dos esteios do monumento.

É interessante verificar, ainda, sublinhando o que já anteriormente fora dito, que, mesmo nas versões preliminares ou simples apontamentos, como é o caso, o rigor consubstancia-se desde logo na preocupação com a apresentação de elementos descritivos de cada monumento que ainda hoje nem sempre constituem norma de apresentação, tais como as medidas exactas dos esteios; a orientação dos monumentos; a sua localização relativa; e, no que se refere às peças dos espólios, a sua natureza petrográfica e a sua localização no interior dos recintos megalíticos, situação particularmente evidenciada no dólmen de Monte Abraão, tanto em termos planimétricos como estratigráficos, o que bem evidencia a qualidade do observador e a sua sólida formação científica.

No documento ora publicado inicia-se também a descrição do monumento em falsa cúpula do Monge, a qual, contudo, não é prosseguida para além da introdução e da localização do sepulcro, cujo estudo, contudo, é incluído na Memória de 1880.

A alusão, ainda que incipiente, às grutas artificiais de Palmela, no Casal do Pardo, exploradas em 1876 pelo colector da Secção dos Trabalhos Geológicos António Mendes, relaciona-se com a intenção da sua publicação, embora esta jamais tenha sido concretizada por Carlos Ribeiro.

Verifica-se, pelas datas apontadas, que a exploração do dólmen de Monte Abraão, depois de intervencionado em 1875, prosseguiu em Maio de 1877. Veremos que, no ANEXO 2, há indicações concretas das datas de realização dos trabalhos, entre Julho e Setembro de 1878. Estas datas corroboram as indicações apostas nas peças da colecção, que se reportam aos dias em que foram colhidas no terreno, e não aos dias em que foram apostas as etiquetas que ainda conservam.

É ainda possível verificar a actualização dos conhecimentos de Carlos Ribeiro, explicado pelo contacto pessoalmente estabelecido com os mais marcantes pré-historiadores do seu tempo, no decurso da sua participação em reuniões internacionais, como o Congresso Internacional de Bruxelas, de 1872, o Congresso Internacional de Geologia, de Paris, de 1878 e a participação na Sessão de Paris da Associação Francesa para o Progresso das Ciências realizada no mesmo ano. Com efeito, no decurso do manuscrito, são referidas as obras que consultou, transcrevendo-se, no caso de existirem, as respectivas anotações, com destaque para as comunicações apresentadas, e depois publicadas nas Actas dos Congressos de Bruxelas (1872, actas publicadas em 1873), de Copenhague (1869, actas publicadas em 1875), e de Budapeste (1876, actas publicadas em 1877), para além de referências às mais importantes obras e revistas científicas do seu tempo, destacando-se os *Matériaux pour l'Histoire Primitive et Naturelle de l'Homme*, ao tempo dirigida p. Émile Cartailhac.

A transcrição inclui passagem dedicada à descrição de uma oficina de talhe do sílex, perto de Massamá, cuja existência real não deixa qualquer dúvida, tendo presente os elementos de observação registados. É interessante referir, a propósito, que a grande quantidade de restos de talhe de sílex observados por Carlos Ribeiro à superfície do terreno entre os dólmenes da Pedra dos Mouros e o de Monte Abraão, também não lhe deixaram dúvidas no tocante à intensidade da utilização daquela rocha em tempos pré-históricos, efectuada no próprio local de implantação do monumento.

O autor escrevia ora com tinta negra ora com tinta lilás, acrescentando chamadas ao texto, rasurando-o e introduzindo-lhe acrescentos, por vezes a lápis. O critério adoptado na transcrição foi o de considerar apenas a última versão, sem a indicação de rasuras ou de acrescentos ou chamadas, que tornariam o texto extremamente pesado e penoso de ler.

A ortografia original foi respeitada na íntegra, indicando-se as palavras cuja identificação não foi possível com quatro pontos de interrogação entre parêntesis.

PRIMEIRO CADERNO MANUSCRITO COM LETRA DE CARLOS RIBEIRO

Cercanias de Bellas.

Vid. sobre Dolmen: *Matériaux pour l'histoire primitive et naturelle de l'homme* – 1877 – 3.º- 4.º livraisons pag. 159 e seguintes – raças de dolmens.

Ha uns cilindros de osso (talvez de pau de veado cortado) encontrados em um dos dolmens de Bellas e que parece representado em Paul Gervais, Pl. 4.ª fig. 5.

- Discussão acerca das relações entre os dolmens e os restos de cosinha da Dinamarca – C. Copenhague pag. 142 seg.^{tes} anteriores.

- Dolmens da Suecia – Idem – pag. 90.

- Ler a descrição da estação de Villeneuve St. Georges – C. Copenhague pag. 62.

Materiais para a história primitiva do homem, T.º 8.º pag. 159 – Mortillet – raças humanas da época dos Dolmens pag. 153.

... Os dolmens não contem esqueletos senão de uma só raça – Idem. Idem pag. 156 – metade grutas artificiaes, metade dolmens; como no Caminho do Pendão para Valle de Figueira, e cujo chapeo mandei indireitar

(E o que se encontra perto da Estria Monte Abrão; do Casal de Colaride p.^a E; e no Carrascal a N. de Queluz). – A mesma obra 1877 – 1.^a livraison – pag. 45 e seg.^{tes}.

... 1.º Numerosos silex lascados juncam o solo por manchas. São m.^{to} grosseiros; geral.te quebrados, e encontram-se à superficie do solo. Nous sommes donc là sur l'emplacement d'un centre de population faisant usage d'instruments en pierre.

... 2.º Existe nas vizinhanças outras grandes nécropoles de tumuli mégalithiques.

Dolmens, grutas sepulcraes artificiaes e grutas sepulcrais naturais formam um só e único todo; são modificações de um mesmo rito funerareo – Materiaes p.^a a historia 1877, pag. 156-157.

Alguns factos da epocha da Pedra Polida nas cercanias de Lisboa.

Uma das regiões do Occidente da peninsula iberica que bastantes provas offerece da existencia do homem ante-historico, é sem duvida aquella onde esta assente Lisboa e que se estende para todos os lados ate mais de 50 kilometros de raio. Abstraindo dos factos que se referem ao homem tercareo, e dos que respeitam à existencia do homem no periodo do quaternario, bastará notar as numerosas construcções, de caracteres singulares e de antiguidade desconhecida que encontram dispersas a superficie do nosso solo, e das quaes nem a historia nem a tradição dão noticia para nos convenermos que o nosso solo foi habitado por numerosas gerações durante o periodo da Pedra Polida ate o começo dos tempos historicos.

Assim o demonstram os restos que ainda hoje se observam de campos intrincheirados pontos fortificados como no distrito de Villa Real, de Coimbra, e de Lisboa; as cavernas sepulcraes das cercanias d'['???'?] onde se encontra restos humanos com raros objectos fabricados de cobre; os dolmens ou antas tao numerosos à superficie do nosso paiz e onde ainda não encontrei metaes; os restos de cozinha como os de valle da ribeira de Muges, na Costa de Caparica [?], nas costas do Algarve a E. da Cidade de Tavira, alguns muito analogos aos Kjökkenmöddings da Dinamarca.

Mas que utilidade real poderá advir a civilização, e à propriedade publica em se entreterem os homens de hoje em estudarem esses objectos?

Palgrave dizia “Il nous faut d'abandonner ce passé silencieux ; que ce soit fait ou chronologie doctrine ou mythologie; que ce soit en Europe, en Asie, en Afrique, ou en Amerique; à Thebes ou à Palenque; sur la côte de Lycie ou dans la plaine de Salisbury; ce qui est perdu, est perdu ; ce qui est passé, est passé à jamais”⁴

Ha 4 para 5 annos ao terminar o nosso relatorio sobre os trabalhos do Congresso internacional de Bruxellas celebrado em Agosto de 1872 diziamos que Portugal encerrava no seu solo muitos archivos onde o tempo e as revoluções haviam depositado preciosos monumentos relativos à historia da humanidade nos tempos prehistoricos. Vamos pois, em abono desta affirmacão, dar noticia d'alguns factos concernentes ao periodo da pedra polida e que temos observado na região. Abstrahindo agora dos factos que se referem ao incomensurável período da pedra paleolithica occuparnoshemos agora em offerecer algumas provas emabono da nossa ffirmacão dando noticia d'alguns factos.

Monumentos megalithicos de Bellas e Caneças.

O tracto de terreno que comprehende a Villa de Bellas está situado ao N. do Tejo entre Lisboa, Caxias, Sabugo e Caneças, levantando-se rapidamente das aguas do Tejo a alturas de [.....] o seo relevo cresce do S. p.^a N. desde o Tejo ate aos montes do Sabugo e de Caneças e cujas maiores altitudes são respectivamente 323 e 354. A sua superficie apresenta-se [.....].

O tracto de terreno que comprehende as povoações de Barcarena, Agualva e Bellas, está situado ao norte do Tejo entre Lisboa, Caxias, Sabugo e Caneças. Levantando-se sobre as aguas daquelle rio em escarpas abruptas e em rampas ate alturas de [.....]. Daqui para o N. o relevo cresce succesivamente ate os montes de Sabugo e de Caneças, que se veem coroados por duas pyramides geodesicas com altitudes de 323 e 354,0 m. Neste intervallo series de cabeços sensivelmente paralellas entre si e dirigidas do quadrante N. oriental para o do S. occidental accidentam a superficie do sólo.

⁴ (Lubbock pag 1)

As camadas de calcareos de Caprinulas da formação do terreno cretaceo superior constituem a rocha fundamental da margem direita do Tejo desde a Praia de Santos em Lisboa ate Caxias; são porem cobertas por diversos retalhos da formação miocene marina que orlam a margem do rio e por espessos mantos de basaltos tambem do periodo miocene que occupam muitos kilometros quadrados de superficie. Proximo a Bellas, e a alguns kilometros a poente e nascente deste ponto reaparecem aquellas camadas por baixo dos basaltos descançando sobre a parte principal da formação cretácea que se desenvolve por grupos de camadas de calcareo e grés com centos de metros de possança e inclinando todos para o valle do Tejo ou 10 a 25° para o quadrante do S.

Diversos valles cortam este massiço do N. para S. para darem sahida a outras tantas ribeiras que vao despejar no Tejo, sendo a principal dellas a ribeira de Barcarena.

Começaremos a noticia dos objectos que temos a descrever pelos que se encontram na freguesia de Barcarena.

[...] O manuscrito prossegue com extensa passagem alusiva à escavação realizada no dólmen da Pedra dos Mouros, inutilizada por um traço vertical aposto por Carlos Ribeiro, embora tenha sido aproveitada na versão publicada em 1880. Continua a descrição dos trabalhos efectuados neste monumento, da seguinte forma:

Já se vê pois que destes poucos objectos pela maior parte mutilados, so por si, representam muito mal em qualidade, n.º e valor, os costumes da raça que erigio este momento megalithico, e só mui remota idea poderá dar dos seus caracteres ethnicos.

O que se apresenta fora de duvida é o grande numero de lascas de silex que se veem dispersas em toda a faxa da chapada e ladeira que daquelle sitio conduz para o alto de Monte Abrão, a maioria dellas senão todas com a feição de velhas ou com a patine nas superficie de fractura; muitos nucleos, e pedaços de silex ainda não lascados. Por entre estes exemplares reconhece-se que muitos delles pertencem a silex da parte inferior da formação de calcareo de rudistas das visinhanças de Lisboa.

Na cabeceira do Sul ergueram as suas lages a, b e do lado do poente collocaram a pedra c que está enterrada uns 0,8 m crescendo cousa de um metro sobre a flor do solo.

Quasi no fundo da excavação encontraram-se quatro lages partidas muito mais pequenas do que as precedentes; jazendo em desordem no meio da terra que enchia a excavação reconhecendo-se [????] partidas ou terem feito parte de outras maiores, provavelmente pertencentes ao monumento, isto é seriam pertencentes à pedra que do lado do nascente faria frente à lage c e à meza ou chapeo que coroava o monumento.

A excavação foi facil e o primeiro facto que ella nos revelou foi que este jasigo já tinha sido revolvido. Efectivamente fomos informados que haverá uns 6 a 10 annos se excavou este logar e se recolheu do desatterro diversos objectos cujas formas e [????] de que eram formados não nos souberam explicar. Por baixo das lages que estavam na excavação e proximo do fundo encontramos uma moeda de cobre portuguesa cunhada em 1741 e com o relevo das letras e dos ornatos tão intactos que bem deixam ver ter tido muito pouco ou nenhum uso; o que leva a suspeitar que naquelle ou um pouco depois foi este jasigo tambem devassado não por nenhum archeologo, mas pelos exploradores dos thesouros encantados, ou deixados pelos mouros.

O certo é que na exploração a que procedemos encontramos ossos muito quebrados com fractura recente, dispersos em grande desordem no meio da terra sahida da excavação, encontrando-se em igual desordem os poucos objectos mais que se poderam colligir.

A chapada da Pedra dos Mouros prolonga-se para o Sul primeiro horizontalmente depois em rampa e em mantho aflorando em toda a superficie as camadas de calcareos e de marnes com inclinações de 4 a 10° para o Sul. A distancia de uns 450 metros da Pedra dos Mouros passa-se para o andar mais superior dos calcareos de caprinulas brancos subcrystallinos cujas camadas formam um patamar de 300 a 400,0 m de extensão sobre o Sul, e que serve de base à collina basaltica de Monte Abrão já indicada. É neste patamar, e uns 25 a 30 m acima da chapada da Pedra dos Mouros que se ergueu o Dolmen denominado “Pedra de Monte Abrão”.

Este dolmen representado em planta e alçado pelas figuras [.....], compreende um recinto com 3 m de maior dimensão contado na diagonal e 2,8 m de largura, e uma galeria ou corredor orientado na linha E.O; tendo com a parte do recinto que esta no seo prolongamento 5,7 m.

O recinto é abrangido pelas cinco lages a b c d e da galeria restam apenas umas trez do lado do Sul tendo desaparecido as do lado do Norte como deixa ver a planta. Estas pedras teem parece entrega no solo podendo dizer-se que as principais dellas estão apoiadas no terreno (à margem, a lápiz: dois pontos de interrogação e o comentário. A escavação do recinto é que deve dizer) em consequencia da difficuldade que offerecem as camadas de calcareo em se abrirem fundas e repetidas covas. É por este motivo que a lage b está encontrada com a lage h, e as lages i e k o estão igualmente com grossas cunhas de pedra: e exteriormente em volta destas cunhas e encontros está encostada uma espécie de muro de terra e pedra meuda ate à altura de uns oito decímetros evidentemente formada para dar mais garantia à estabilidade das pedras do monumento. Os dois alçados dão idea desta especie de muro. A pedra a situada do lado de Oeste forma a cabeceira do recinto: tem a forma proxivamente triangular com 1,80 m de base por 3 [?] d'altura acima do solo e inclina 82° para Oeste.

A lage h é a maior deste monumento. Tem a forma geral de um losango com 4,0 m e 2,90 m por diagonaes e offerecendo a sua maior superficie ao Sul. Está apoiada no terreno por um dos seus angulos obtusos, onde parece ter sido quebrada a lage para dar lhe melhor assento ou base; e tem um pendor de 65° para o Sul.

Pelo lado do Norte erguem-se as duas pedras c' e c na disposição que as figuras mostram, e que não chegam a ter 1,0 m d'altura fora do terreno.

Dolmen da Estearia [Obs.: no manuscrito, o “a” encontra-se cortado, passando a ler-se Esteria.]

Não longe dos dois precedentes dolmens, e ao poente delles está o dolmen da estria, uns 300 a 400,0 m a ONO do Monte Abrão. Em vez de construido numa planura ou na coroa de uma colina quando foi descoberto, foi em uma pequena prega ou dobra do terreno, de modo que estava mui pouco aparente quando foi descoberto mesmo porque seguindo as indicações externas parece que fôra coberto de terra e por muito tempo occulto debaixo della em [..... ?] a acção do tempo não pos a descoberto parte delle, e posteriormente a cobiça dos thesouros encantados ou dos mouros não acabou de o por patente.

Este dolmen compoe-se de recinto, e tambem de galeria como o de Monte Abrão, mas em (vez) de olhar a nascente está voltado ao poente; aquelle com 3 por 2,5 [?] de diametro e a galeria com 6,5 m [?] de comprimento por 1,5 de largura media.

Total – 9,0 m.

A sua planta e alçado dão idea da forma deste monumento.

As lages do recinto em numero de teem a disposição polygonal aberta com uma góla ou entrada para o lado da galeria como se vê da planta. A maior de todas as pedras é a que occupa a cabeceira. Está cravada no terreno verticalmente, e tem acima da superficie do solo [..... ?] e [..... ?] de maior largura: duas outras lages menos grandes e inclinadas a ladeam completando deste lado o fundo do mesmo recinto. A um e a outro lado estavam as seis [?] lages restantes tambem cravadas no terreno, mas com algum pendor para o lado de fora, indo formar a entrada do recinto.

Segue-se a galeria que como dizemos accusa 6,5 de comprimento. Esta parte do dolmen foi primeiramente aberta na rocha e depois guarnecida com dois renques de pedras com alguns decímetros apenas acima da superficie natural do solo.

O dolmen da Estearia fica a uns 300,0 m ou 400,0 m ao poente do muro da Quinta do Marquez de Bellas; e a uns 400,0 m ou 500,0 m pouco mais ou menos a NO do Dolmen de Monte Abrão a meia encosta do Monte e em uma pequena prega ou dobra do terreno, de modo que estava mui pouco aparente.

Tem recinto e galeria como o do Monte Abrão e em disposição, ou a disposição do eixo da galeria é de [..... ?] com a entrada voltada para o poente.

Numa especie de patamar ou socalco que lhe está sobranceiro e a distancia de 20 a 100,0 m para o lado de SE e de ENE. existe uma grande quantidade de lascas de silex, nucleos, rins, e fragmentos de uma brecha de silex branca empastada em oxido de ferro limonitico.

São fragmentos evidentemente transportados das zonas de contacto do Basalto com o andar cretaceo; zonas onde as emissões ferruginosas acompanharam ou precederam a sahida dos basaltos. Os fragmentos de silica desta brecha

vieram do interior arrancados aos leitos desta substancia que existem intrastratificados no andar de calcareos no acto das emmissões.

O que parece pois innegavel é que alli houve uma officina de fabricar silex.

Junho 2 de 1877

O collector Escola (*obs.: trata-se de Joaquim Scolla, Colector da Secção dos Trabalhos Geológicos*), na vesita que hoje fez ao Campo passou pelo sitio das Pedreiras do Carrascal entre a Idanha e Massamá e alli descobriu um local, que amanhã visitaremos, que parece encerrar fortes vestigios de uma officina de instrumentos de silex.

De feito collegio fragmentos ou lascas grandes de silex de 0,100 m e mais de comprimento, e setas começadas a lascar para dellas se prepararem pontas de lança facas e hachas, como se pode ver nos exemplares da collecção com a data 2-6-77.

Por entre estas lascas notam-se: 1.º as que estão marcadas a b c d que se prepararam para a hacha; 2.º as lascas marcadas de n.º 1 a 7 com a mesma data onde se vê o preparo successivo para a ponta de flexa; uns e outros são esboços em differentes graus de trabalho.

O exame destes silex lança bastante luz sobre a industria dos silex nas vizinhanças de Bellas na epoca da pedra polida.

Junho 3 – 1877 – Dirigi-me à localidade

Os rabotalhos e lascas de toda a especie desde o silex em bruto e os nucleos ate às mais pequenas lascas do trabalho juncão o solo. São muito abundantes onde a [????] não os tem despersado – A materia prima hiam buscal-a 12 a kilometros de distancia.

Não é de hoje somente que o estudo da archeologia, da epigraphia, da philologia, e da Numismatica occupa em Portugal, e desde muitos annos as attenções de eruditos e se não temos museos onde se vejam reunidos os frutos da exploração dos antiquarios portuguezes com referencia a todas aquellas sciencias, com tudo existem em separado collecções algumas mui valiosas, umas em maos de particulares, outras em estabelecimentos publicos; encontrando-se entre ellas alguns objectos pertencentes às idades da pedra polida, do bronze e do ferro.

Em Portugal como nos outros paizes da Europa os estudos archeologicos paravam nessa barreira levantada pelos classicos que ajuntavam as descobertas archeologicas de qualquer especie nos limites da chronologia, ou entre a tradição, e a historia.

Todavia os dolmens ou antas como lhe chamavam e chamam ainda os nossos portugueses, monumentos tao curiosos pelas suas formas e aspecto rude como pela enorme grandesa dos monolithos que entram na sua construção, prendiam não só as attenções do povo considerando-os na sua fantasia como obra dos mouros encobriendo thesouros que eram guardados por mouros encantados, mas tambem os eruditos impressionados pelas suas formas e dellas fallam assignando a posição de algumas;

Numa memoria publicada em 1876 pelo mui erudito e modesto compatriota nosso que se assigna com o pseudonimo “Sá Vilella” Lê-se o seguinte:

“Na Thebaida portuguesa encontra-se duas veses citada (t. 1 e 2) a curiosa carta do padre-mestre frei Martinho de S. Paulo, na qual se falla das antas, que no seu tempo existiam pelas faldas do Monte de San’Gens [..... ?] propicios na [????].

Tanto estas noticias como nas poucas que recentemente se terem publicado se exceptuarmos a Memoria publicada pelo Sr. F. A. Pereira da Costa, nenhum que eu saiba dá noticia dos despojos animaes e da industria humana encontrados nesses monumentos: provavelmente porque não os exploraram, ou se o fizeram encontraram-as violadas e sem mobilia funeraria alguma.

Nos mesmos temos registado em nossos apontamentos de viagem um não pequeno numero de dolmens por nós encontrado em todas as provincias de Portugal e de que mais tarde darei noticia com a indicação de diversas estações humanas prehistoricas. O nosso objecto por agora será dar uma breve noticia de um grupo de dolmens que se trouve dans les environs de la petite vilage de Bellas, 15 kilom. a NNO. de Lisbonne, e de umas cavernas sepulchraes nas visinhanças de Palmella 30 kilometros ao S. de Lisboa, com o fim de servir de esclarecimento às pessoas que examinarem os objectos que enviamos à exposição das sciencias anthropologicas.

Monumento ante-historico do Cabeço do Monge na Serra de Cintra.

Este monumento está situado no alto de um dos cabeços que coroam a montanha que se levanta entre Lisboa e o mar e que denominam Serra de Cintra.

SEGUNDO CADERNO MANUSCRITO COM LETRA DE CARLOS RIBEIRO

[Notas à margem no início deste Caderno:]

Com referencia a Barcarena [????] – Vid. Rapport du Congres de Bruxelles pag. 320-327 e seguintes.

Vid. Observações criticas à classificação de Mr. Mortillet Materiaes 1877 – pag. 121.

O solo portugues e um dos que offerece não pequeno numero de vestigios relativos à presença do homem e da sua industria nas epochas ante historicas. Abstrahindo do que se refere aos productos da industria humana sepultados nas camadas das Formações terciarias de Portugal, e passando em claro sobre o que pode referir-se ao periodo diluvial, notei que em toda a zona central e occidental do nosso Portugal se encontram em repetidas paragens, dolmens e cavernas, contendo numerosos productos da industria humana, restos d'esqueletos tanto de homem como de outros animaes que parece pertencerem à epocha da pedra polida e a que faz transição para a do cobre.

Margem larguissima para preciosos estudos de anthropologia e de ethnographia, darão as explorações que com methodo e com a extensão reclamada hajam de tentar-se nas cavernas, nos campos intricheirados, nos numerosos dolmens, monumentos, e outros monumentos mégalithicos que enriquecem o solo portugues.

Por agora o meo objecto é dar uma noticia sucinta do que encontramos em alguns dolmens das Villas de Bellas que fiseamos explorar, e bem assim de umas quatro cavernas egualmente exploradas por nós na freguesia de Palmella.

Dolmens das V.^{as} de Bellas

Monte Abrão

Maio – 1877

Mandei excavar o dolmen de Monte Abrão em todo o seo comprimento, isto é recinto e galeria (Deve fazer-se a descripção da excavação. Comprimento; largura, profundidade e irregularidades). Nesta exploração reconheceo-se que a galeria tinha maior extensão do que a primeiramente supposta pelos marcos ou pedras que a limitavam, à superficie: a excavação fes conhecer outras pedras logo abaixo do solo vegetal, em pequeno numero é verdade, mas aninhadas no prolongamento das lages já conhecidas, como se vê na linha pontiada da planta. O solo firme, quero dizer as camadas do calcareo foram encontradas a pequena, mas desigual, profundidade em toda a excavação feita no recinto e na galeria. Este calcareo apresentando-se do lado do Sul bastante fendido ou quarteado foi menos difficil abrirem deste lado e no calcario uma sanja que com a espessura do solo vegetal ficou com um metro de fundo pouco mais ou menos.

Nas paredes da sanja veem se os dentes que ficaram em consequencia das cunhas de calcareo que destacaram. A figura abaixo **A** que é um corte N.S. pelo recinto da idea da excavação que se fez no calcareo. A pedra **a'** foi enterrada perto de um metro sendo uns 0,5 m no calcareo.

Na excavação mais funda, lado S, que penetra no calcareo fig (**a**) e que tem 1,1 m de fundo encontraram-se os ossos correspondentes a seis esqueletos, destruidos pelo comprimento da mesma sanja isto é n'uma extensão de 2,5 m a 3,0 m com se vê no desenho fig (**a'**). Correspondentemente a pedra (**g**) (vid. perspectiva e planta) encontrou-se um craneo e mais ossos humanos; junto a este craneo estava a lança grande de silex calcarifero branca, encontrando-se igualmente proximo a este craneo a flexa d'osso com rebarbas. Por baixo do craneo estava a massa de calcareo (arma como a massa d'Hercules das duas a menos grande). As contas, perolas, e mais adornos foram encontrados dispersos na terra vermelha.

Congresso de Buda-Pest. Pag. 200

Alem dos sette craneos que acima se indicam appareceram mais tres nas posições apontados na planta abaixo com as designações **1.º** - **2.º** - **3.º**. Como se ve estão fora do recinto e do lado S da galeria. O craneo **1.º** era acompanhado com

ossos longos quebrados com as apophyses podres desfazendo-se. Por baixo do occipital estava a placa de schisto mais pequena, e duas massas pequenas de calcareo, uma [????] de calcareo, e outra de barro de fundo xato; e um anel d'osso.

Craneo N.º 2 com fragmentos d'ossos longos – com elle estava a faca longa curva grande; a 0,25 m de distancia estava uma placa de schisto, a maior de todas; e as massas.

Craneo N.º 3 ou 3.º. Encontrou-se com elle um só osso longo quebrado em tres partes. Em volta delle, de 0,2 m a 0,5 m de distancia encontravam-se facas, setas, calhaus rolados (amostras da entrada da galeria). Dentro do recinto proximo à lage c encontrou-se a placa de grés a hacha de calcareo pisolithico; um machado de rocha siliciosa; a pessa de jade

Vid. adiante a pag. com este sinal Δ

Δ

Encontraram-se pois no dolmen de Monte Abrão nove craneos, pelo menos, de individuos adultos situados do lado S, e um tambem de adulto junto à pedra (g). Alem destes outros restos d'esqueletos se encontraram de individuos humanos e que nos parecem ser novos. O numero total não parece descer de doze.

A terra e que os ossos destes esqueletos estavam revolidos e a terra argillo-ferruginosa vermelha acastanhada. Nesta viam-se dispersos abundantes lascas de silex, pedras de calcareo soltas, e os objectos que se colligiram nesta exploração.

Os craneos e as mandibulas estão esmigalhados e por modo tal que não foi possivel com os fragmentos armar ainda uma pessa de caixa craniana nem tao pouco uma mandíbula. Os ossos longos nem um só se encontrava inteiro; nem uma costella. As vertebrae é que estão menos fracturadas, mas todas ellas principalmente o corpo que são osso esponjoso, desfez-se em farinha deixando cahir e perder as apophyses. A parte esponjosa dos ossos longos quer dizer as cabeças ou apophyses tem cahido em farinha e o mesmo tem acontecido a parte esponjosa dos outros ossos principalmente aos ossos chatos.

Nos ossos longos tem adherido por tal modo a sua superficie a terra vermelha argillosa que forma uma ganja mais coherente do que o tegumento osseo, quebrando às vezes este sem que o cimento se destaque. Quando succede destacar-se o osso mostra muita parte uma certa dureza e a superficie apresenta uma côr escura manchada com a cor negra azulada do ferro metallico, ou talvez do manganez.

Assim como os objectos d'adornos se mostraram dispersos na terra, tambem dispersos por ella encontraram muitos dentes humanos e fragmentos d'ossos.

Pelo que respeita a ossos de animais associados aos ossos humanos apenas encontramos mandibulas e ossos longos de ruminantes, coelho, e talvez rato d'agua tambem.

Voltei a Monte Abrão no dia 20 – Maio – 77

Esperei desde 12 para que a terra argilosa que encerrava os restos de ossos humanos estivesse mais secca. Effetivamente estava, mas nem por isso os ossos sahiram mais inteiros. Os ossos humanos que ali examinei estão dispostos em duas camadas ou estratos correspondentemente às pedras b e d da planta. Separam estes extractos as pedras maiores que se veem indicadas em perspectiva no desenho do dia 12. Estas inhumações parece terem sido feitas depois dos corpos estarem consumidos, transportando para alli os ossos já quebrados e enterrando-os em [????].

Nenhum osso esta na sua posição articular; estão como amontoados; porções de ossos longos quebrados de mistura com vertebrae soltas fragmentos de costellas de adultos e de individuos muito novos: craneos achatados e quebrados de mil modos, com phalanges das maos dispersas na massa d'argilla que enche a cavidade craneana.

Tirou-se um craneo de homem adulto (foi o 2.º do desenho) mas achatado e esmigalhado – tinha todos os ossos do craneo, maxillares, esphenoide, e faces; mas tudo esmigalhado, e a parte esponjosa destes ossos reduzida a farinha.

A ganja em a terra argillosa de cor vermelha acastanhada envolvendo pequenos fragmentos de silex, seixos pequenos de quartzo, fragmentos de calcareo formando ao todo um conglomerado de pequenos elementos: e é esta ganja que envolve e empasta todos os ossos. Tambem se encontraram alguns bagos de carvão. Estes cobriam, quero dizer os fragmentos que poderam aproveitar-se estar juntos.

Parece que, como já disse, o primeiro enterramento foi em outro lugar; delle depois das partes melhor consumidas transportaram os ossos para uma valla coberta ao longo do recinto e galeria pelo lado do sul lançando-as

alli em desordem, e depois é que erigiram o dolmen. A circunstancia dos craneos e maxillares se mostrarem esmigalhados é possível que fosse devido à inhumação ter sido pouco funda, e principalmente à grande pressão ou peso exercido sobre a terra do recinto na occasião da manobra que tem por fim montar as pedras **b** e **d** (da planta do dolmen).

[Em anotação a lápis à margem:] Os cacos ou fragmentos [????] [????] e abonam a hypothese dos corpos e [????] [????] [????] outra jasida).

Vid. Congresso de Copenhagen – Descrição da Gruta da Grailhe pag. 199, 200 – P1. 10. [Obs.: na verdade é um dolmen, como se lê no texto da comunicação.]

Nos dias 20 e 22 continuou a exploração e colligiram-se diversos outros objectos.

1.º Fragmentos de maxillar inferior e dentes de individuos de diferentes idades.

2.º Mais dentes humanos.

3.º Fragmentos de carvão envolvidos na argilla vermelha.

4.º Numerosos fragmentos pequenos de silex empastados com os ossos na argilla vermelha.

5.º Cabeças de radios humanos.

6.º Ossos longos.

7.º Fragmentos de craneos em laminas sobrepostos.

8.º Fragmentos d'ossos de roedores.

9.º Uma ponta de flexa e uma marca furada.

[Notas à margem:]

Vid. L. Lartet (uma sepultura des anciens troglodites) pag. 32 e 33

Discussão geral dos Dolmens – C. Paris – pag. 192-185.

Dolmen de Monte Abrão – Silex sobre os esqueletos –

Os corpos colocados sobre o terreno natural, estavam cobertos por uma camada de rins de silex por entre os quaes se encontravam alguns instrumentos por acabar ou quebrados; mas poucos de trabalho bem definido. Esta ultima consideração que nos tem impedido admittir em geral a pratica religiosa e como sacrificios lanços em leite de silex sobre o cadaver – julgo ser antes para evitar a profanação do cadaver da parte dos animaes. C. de Bruxellas pag. 305 a 307.

Maio 31 – 77

Voltei ao Dolmen de Monte Abrão – Entre as lages **a** e **a'** (vid planta) há um intervallo com 0,70 m de largura pouco mais ou menos (isto é a lage **a** muito avançada para a nascente sobre **a'**). A superficie O. da lage **a** e o terreno firme há tambem intervallo – estes dois intervallos comunicavam-se e estavam cheios de terra vermelha com dentes humanos, fragmentos de mandibulas e outros ossos tudo disperso. No sitio * da planta é onde se encontrou a mandibula.

Encostado à lage **d** estao ainda ossos de craneo e ossos longos de mistura com pedras grandes de calcareo e outras mais pequenas (de 4 kilos a 10 gramas) tudo envolvido na argilla vermelha acastanhada. Estes ossos estão brancos de neve como o tufo calcareo e embutidos na argilla destaca-se sobre a cor escura desta. Teriam sido infiltrado de tufo branco? Mas a argilla da granja nada mostra de imbibição do tufo.

A lage **m** funcionando de cunha e encontro pelo lado do S. à lage **b** prolongase ate ao fundo da excavação por SSS e a ella hia encostar a terra com ossos e os esqueletos fig. (a) dos primeiros apontamentos.

Os ossos, craneos e ossos longos estão também por baixo da pedra ou lage **d**, mas tao metidos para dentro entre a contraface da lage que não parece crível que para alli os arrumassem depois do dolmen erigido; antes pelo contrario parece que os enterramentos já tinham sido feitos e depois é que se levantaram as pedras em volta da sanja ou sepultura; e a esta circunstancia parece ser devido o esmagamento dos craneos que se encontraram ao longo do lado S e na direcção O-E do dolmen; Porem sendo assim porque é que se perderam as relações articulares dos ossos do tronco e extremidades de **d** [??].

Já notamos que a argilla empastou com os ossos uma grande quantidade de lascas de sílex, e bem assim fragmentos de calcareo d'outras boleadas e instrumentos em esboço outros incompletos, núcleos etc; com estes sílex e pedras estavam também dentes humanos e fragmentos d'ossos; dentes de roedores; mandíbulas de roedor. As lascas de sílex são de todas as grandezas desde 0,01 m de comprimento e 0,005 de grossura até 0,1 m de comprimento por 0,03 e 0,04 m de grossura e mais. Ora à superfície do solo em torno do dolmen, e até distâncias de 20 e 50,0 m e envolvidos em terra vegetal, é enorme a quantidade de núcleos, lascas, de sílex inteiramente semelhantes às envolvidas na argilla do dolmen com os ossos; de modo que parece ter precedido à construção do dolmen uma officina de fabricar instrumentos de sílex estabelecida na planura onde se vê o dolmen. Desde a primeira ocasião que visitei esta localidade admirei a grande quantidade de lascas, núcleos e fragmentos em bruto de sílex que se vê espalhadas pela superfície do solo vegetal; se a terra fosse removida e escolhida a proporção apparecia muito crescida. Ora esta terra da superfície se fosse conglutinada apresentaria o mesmo magma de fragmentos de sílex e de calcareo que se vê no producto do desaterro do dolmen com a differença entre ter ossos. Portanto parece-me que a quantidade de lascas de sílex encontradas com os ossos é antes devida a existirem previamente na terra lançada para dentro da excavação quando foi o enterramento dos ossos, do que o resultado de cerimonia "de cobrirem o cadaver com uma camada de lascas rins e núcleos de sílex".

O que também se encontrou de mistura com esta terra foram as petalas escamosas da pinha mais ou menos queimadas, e caroços d'azeitonas parte delles cortados transversalmente.

É bom não esquecer que a encosta que sobe da Ermida do Senhor da Serra e do Dolmen da Pedra do Mouro para o muro da Tapada da terra do Monte Abrão, e da media distancia para cima encontrava-se grande numero de lascas de sílex, núcleos e rins de sílex; e em alguns pontos mais do que em outros, parecendo terem sido esses pontos logares onde se faz trabalho de lascar.

Deixando o Monte Abrão, e dirigindo-nos para a Estria encontra-se na encosta ao descer para o Dolmen da Estearia muitas lascas, núcleos, rins, e fragmentos intactos ainda de sílex, branco, cinzento, listrado, empastados muitos destes fragmentos em oxido de ferro. E n'uma especie de patamar que se vê a uns 30 a 100,0 m.

Nestas cercanias encontraram-se ainda outros dois dolmens, que denominamos o da [..... ?] e o da Cova da Stria.

A uns 400,0 m [?] a poente a ONO do Dolmen precedente, e já fora da quinta do Sr. Marques de Bellas está o dolmen da Cova da Estria. Este monumento em vez de situado n'uma esplanada ou n'um alto encontra-se n'uma pequena dobra do terreno pertencente à encosta que da collina de Monte Abrão vem morrer na larga chapada da Estria uns 700 [?] ao S. da povoação da Idanha. Os desenhos fig[..... ?] mostram a planta e a perspectiva deste dolmen.

Compõe-se como o precedente, de uma Camara ou recinto e um corredor d'entrada orientado no rumo SSO a NNE; aquella com 4,0 m de comprido por 3,5 m de maior largura, e o corredor com 7 a 8,0 m de comprimento.

Com excepção das tres lages da cabeceira e contíguas que são um pouco mais altas, todas as mais em número de 4 que ainda se veem na sua posição normal não excedem a 1,50 m de altura sobre o sólo, não chegando nenhuma a ter mais de 1,87 m de comprimento. Outras lages semelhantes fazião parte deste monumento, mas estavam fora do seo logar e amontodadas à entrada da Camara. O corredor ou galeria é em parte cortada em uma rocha terrosa amarellada e tufacea, era ladeado de cada lado por renques de pedra.

Objectos encontrados.

18 - 2 - 77

Em todo o terreno do plan'alto onde está situado o Dolmen da Pedra do Mouro se encontra algumas lascas de sílex; a uns 200 metros porem mais para o S., caminho do Dolmen de Monte Abrão, apparecem com mais frequencia primeiramente lascas pequenas até um centimetro e dois, depois um pouco maiores, e sobretudo núcleos. Colligimos ali uma ponta de flexa em sílex avermelhado, e outra em quartzo branco leitoso, ainda não acabada.

Os núcleos são numerosos, e de variadas grandezas e grossuras: colhemos alguns em sílex branco opaco e lithoide com 0,096 m apenas de grossura, e 0,035 m de comprimento; tão longe foi levado o aproveitamento do nucleo ou matriz. Pelo que toca a instrumentos com algum acabamento, foram poucos os que encontrámos: apenas a ponta de lança e um rascador, todos os mais em esboço, por acabar, e inutilizados. Quanto à pedra dos núcleos e instrumentos, é ella toda quartzosa mas de varios caracteres petrographicos: assim encontramos de quartzo branco, de quartzite branca [????] finamente granular; de sílex pyromacho passando a sílex branco avermelhado ou acinzentado lithoide. Estes sílex quasi todos parece

provirem da formação cretacea do pais, das V.^{as} de Lisboa, Belem principalmente, valle d'Alcantara. Muitos destes fragmentos tem um lascado paralelo ao leito das camadas de calcareo entre os quaes existem os leitos e silex que determinava tambem um certo modo de lascas da pedra. Da meia encosta para cima é onde se encontra maior numero de lascas de silex soltas por cima do solo vegetal, a maioria nucleos, grande quantidade de fragmentos polyedricos ainda pouco desbastados.

Estes silex não cessam de encontrar-se ate ao Dolmen de Monte Abrahão onde abundam extraordinariamente podendo quasi tomar-se à pá – Parece ter sido officina alli.

Do Dolmen do Monte Abrahão para o da Estria continua a encontrar-se ainda com muita frequencia e em volta deste ultimo monumento, e delle ate ao alto da encosta são abundantes, e das mesmas especies quartzosas.

Dolmen no caminho da Idanha para a Aqualva

Bellas é uma pequena e antiga villa situada a 15 kilometros a ONO de Lisboa sobre a estrada que desta cidade conduz a Mafra, considerada como terra muito saudavel, não só pela pureza dos ares como pela boas aguas de alimentação que encerra, e por isso muito procurada não so para convalescentes como por muitas outras pessoas que desejam respirar os salubérrimos ares destas localidades.

Occupa esta vila parte de uma depressão do solo determinada pela confluencia de dois valles de Castanheira e do Jardim ambos com origem a 5 kilometros pouco mais ou menos para norte da mesma villa, e a qual tem 134,0 m d'altura sobre o nivel do mar. Pelo Sul é esta depressão cercada por uma escarpa alta e abrupta que corre de nascente para poente cortada d'alto abaixo proximo ao sitio do Pendão por uma garganta [????] por onde passa a estrada de Lisboa, e dá sahida para o Sul às aguas que desde os montes de Dona Maria afluem aquelles valles e às quaes se juntam em Quelus as da ribeira de Carenque para formarem o pequeno rio que desagua no Tejo no sitio da Cruz Quebrada.

A parte mais baixa desta depressão com a escarpa correspondente estão dentro da Quinta do Snr. Marques de Bellas. É uma quinta frequentadissima principalmente a sua alameda de adustos e magestosos platanos [..... ?] cujas copas soberbas formam uma espessa abbobada impenetravel aos raios solares, e a sua espessa matta de medronheiros, carrascos, loureiros, parallelos à Alameda e que povoam a parte mais alta e abrupta da encosta ou escarpa.

Da alameda partem pela encosta acima diversos caminhos que serpeam pela matta destruidos em lanços separados por patamares ornados de Capelinhas, e que conduzem à Ermida do Senhor da Serra, onde os costumes tradicionais e a piedade d'alguns nos tres ultimos dias de Setembro de cada anno se junta uma multidão de muitos milhares de pessoas que alli correm de Lisboa e de todas as redondezas de Bellas ate um raio de 3,4 e mais legoas.

Para o poente da Ermida do Senhor da Serra uns 400,0 m e dentro da Quinta encontra-se o Dolmen conhecido pelo nome da "Pedra dos Mouros"; e uns 500 a 600,0 m para o SSO esta outro dolmen que denominam as Pedras do Monte Abrahão, nome de um cabeço que lhe esta a Cavalleiro do lado do S e onde se vê uma pyramide geodesica com a cota 231,0 m.

Uma formação pertencente ao terreno cretaceo superior constitue o solo desta localidade.

Por qualquer caminho da Alameda da Quinta para a Matta, corta-se uma serie de camadas de calcareo cinzento argillo-silicioso daquela formação inclinando 10 a 20° para S. Um filão camada de composição trachytica com 3 a 10 m de possança vem afflorar na parte alta da escarpa tornando esta ahi muito abrupta.

As camadas de calcareo do tecto do filão determinam um plan'alto de 500,0 m de comprimento para o S. As camadas de calcareo argilloso que se succedem na ordem ascendente continuem a inclinar em angulo de 8 a 14° para o S formando o solo do plan'alto; para alem este sobe uns 10 a 15,0 m sustentando outro plan'alto ou longo patamar com 300 a 400,0 m de comprimento para o S mas formado por camadas de calcareo branco rosado compacto subcrystallino contrastando com os marnes e calcareos lithoides cinzentos, trigueiros e amarellos que lhe estão inferiores, formando grossas bancadas inclinando ligeiramente para o S. Neste patamar é onde foi erigido o Dolmen das Pedras de Monte Abrahão.

Estas camadas formam duas assentadas mui distinctas pelos seus caracteres petrographicos e pelas suas especies fosseis as quaes são na 1.^a assentada [..... ?] na 2.^a dita as especies de Rudistas [.....].

Estes dois pequenos plan'altos são limitados ao N. pela depressão de Bellas; ao nascente e ao poente por encostas asperrimas que descem rapidamente daquelle lado ate ao fundo do Valle que passa no Pendão e Cast. Lhe esta 100 m abaixo, do opposto ate ao valle que lhe corre 50 a 60,0 m mais abaixo.

Um muro, em partes argamassado corre de poente para nascente proximo do extremo septentrional do plan'alto menos alto.

Está derrocado, vendo-se apenas os alicerces e alguma porção crescendo acima do solo aqui e alli – no seo limite E. está mais bem conservado, mas foi cortado para dar logar a construcção e assentamento da Ermida do Senhor da Serra. Uns 20 a 30,0 m deste ponto, descreve a muralha em curva para se dirigir para o SSO e guarnecer a escarpa natural do solo, acabando porem repentinamente, a pequena distancia de [.....].

No tempo em que guerra se fazia...

Difinição de Monumento Megalithico por N. A. de Longpérier Cong. de Paris pag. 31 “Monumentos feitos ou construidos com blocs enormes em bruto.”

FOLHA SOLTA

Dolmen d'Agualva

O quarto dolmen das visinhanças de Bellas esta situado a uns 100 metros à direita da estrada municipal que conduz de Bellas a Cintra, e a uns 2000 m ao poente daquela villa.

Mostrase no fundo da depressão de que acima fallamos, como que fundido no meio de um terreno agreste formado por grossas bancadas de calcareo cinzento duro, muito quebrados, atravessados por filoes e massas de rochas feldspathicas eruptivas que tornaram o solo cortado e desigual. Foi n'uma pequena elevação mamillar deste mesmo solo escolhida para assentarem este megalithico, não tanto por se mostrar melhor, mas porque ali manifestase a alteração do calcareo convertido em rocha tufacea mole devida às mesmas cauzas que alteraram a rocha onde se levantam os dois precedentes tumulos, e que permitio aos constructores abrirem como abriram nos dolmens da Pedra dos Mouros e da Estria as excavações de que careciam para a camara.

Parece que aqui uma das condições que determinavam tanto a escolha do ponto para a construcção do monumento como a da orientação deste teria sido o estado em que encontrassem a rocha para a poder escavar e abrir nellas as camaras e as galerias. E effectivamente a orientação S.N do dolmen da Pedra dos Mouros é a mesma que apresenta naquelle local os filoes de rochas feldspaticas e os planos de resfriamento do calcareo: a orientação dos dois megalithicos da Estria, d'Agualva de nascente para poente e poente para nascente é tambem aquella por onde se manifestam os filoes camadas da mesma rocha feldspathica e as faxas de calcareo tufaceo em resultado da acção corrosiva das emmissões do interior. Alias deviam na mesma localidade terem todos os tumulos a mesma orientação.

O tumulo d'Agualva compoe-se tambem de um recinto e de uma galeria com 12,0 m [?] de comprimento total, orientado de ONO a ESE, e com a galeria e entrada do recinto olhando para ESE.

O terreno destinado à camara ou recinto foi excavado no calcareo tufaceo ate uns 12 decimetros pouco mais ou menos abaixo da superficie do solo sendo as paredes da mesma excavação guarnecidas com 7 lages dispostas a formar um polygono com uma entrada de 1,5 m de lado da galeria com uma [..... ?].